# carioquice

publicação trimestral . ano v . n.19 . out/nov/dez 2008
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano v . n.19 . out/nov/dez 2008

apud tom jobim

**Da janela vê-se o Corcovado, o Redentor, que lindo!**

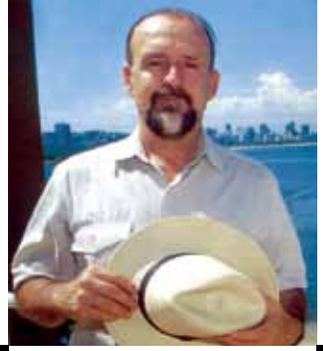
mestre-da-cuca

## música para mil talhares

O boomerangue é o ícone de consumo responsável da AmBev. Ele foi criado para conscientizar as pessoas sobre o uso inadequado de bebida alcoólica. Se beber, não dirija. Tome um táxi ou escolha o 'Amigo da Vez', aquele amigo que vai se divertir a noite toda tomando Liber, a nossa cerveja 0,0% álcool, e depois levar a galera para casa. O grande lance do boomerangue é que ele foi totalmente inspirado na sua vida, porque, afinal de contas, 'é mais divertido ir e voltar'. Sempre. **www.ambev.com.br**

é mais divertido ir e voltar

AmBev



# o legado dos túmulos

Esquina do Ricardo

A palavra "legado" do título deste artigo até pode parecer herança, bens materiais deixados por quem morre. Pois saiba o caro leitor que é quase o oposto. Esse legado de finados de que trato agora não é senão um projeto inspirado pelo dia dos mortos, o clássico 2 de novembro. Observo que certas pessoas não preservam os túmulos de entes queridos, ou por preguiça ou por pura falta de dinheiro. Insisto, contudo, na necessidade de se refletir melhor sobre a morte, evento tão certo e tão necessário. Ou melhor, refiro-me aqui a um olhar sobre túmulos, sobre a arte cemiterial, tão ao gosto de referências internacionais como os de Paris ou de Veneza. No nosso caso, os de personalidades ligadas à música, popular e erudita.

Isso porque foi assinado recentemente um convênio pioneiro, originalíssimo e até provocador, quando não carinhosamente piedoso, entre o INEPAC e o Instituto Cultural Cravo Albin para... mapear túmulos. Isso mesmo: cerca de 200 personalidades da música — intérpretes, compositores e músicos — serão identificadas em sua última morada. E um roteiro musical será finalmente estabelecido nos cemitérios cariocas de São João Batista, do Caju e do Catumbi. Muitos desses túmulos estão exemplarmente conservados por seus descendentes e/ou familiares, como os de Cazuza e Carmen Miranda. Outros, nem tanto. E alguns até miseravelmente saqueados, semidestruídos. Aliás, é de horrorizar o roubo despudorado nos cemitérios cariocas. Para um observador mais agudo, a visita a qualquer um deles será constrangedora, quando não de causar indignação. Ou seja, os objetos de decoração da maioria dos túmulos, especialmente os de bronze ou até de ferro, são inapelavelmente surrupiados. O do Caju, então, é de dar dó. Até parece campo devastado por uma guerra. Acho que a barbárie chegou a tal ponto, saquear cemitérios, que nenhum povo, mesmo considerado selvagem, terá ousado tanto em relação aos seus mortos. Em resumo: o objeto final do operoso presidente do Inepac, o arquiteto Marcus Monteiro, é editar (em conjunto com o Instituto Cultural Cravo Albin) um livro de tombamento do inédito mapeamento dos túmulos do povo da canção ou do samba. Afinal, o nosso Rio, o Rio do Aeroporto Tom Jobim, é a cidade mais musical do mundo...

# sumário

## carioquice

Nº 19 OUT/NOV/DEZ 2008
ISS 1981-6049


### É som, é sal, é mar

4 Apicius em dó maior

20 Valsas para toda a eternidade

24 A última morada da MPB

28 Nunca um anjo foi tão *gauche*

34 Fino tempero musical...

### Saga Carioca

36 De conversa em conversa

### Causos & Letras

44 O bordado por trás da fama

52 O discreto charme da sedução

58 Pelos palcos da vida

### Do bem comer e melhor beber

64 Breviário do bem-comer

### Magia do Olhar

72 Com os pés fincados no céu

### Embaixador do Rio

80 Maravilha é pouco
Por Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira


# expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

mpm

Aqui tem Light.

Aqui também.

**Light. Uma das 5 maiores patrocinadoras da cultura e do esporte no estado do Rio de Janeiro.**

Um dos compromissos da Light é promover a cultura, o esporte e o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Ela apóia e patrocina projetos como as Olimpíadas na Baixada, a Orquestra Sinfônica Brasileira, a Bienal do Livro, o Festival Internacional de Curtas e o Festival Vale do Café. E ainda mantém, desde 1994, o Centro Cultural Light. Um espaço aberto a estudantes e ao público em geral com teatro, shows, exposições, bistrô e um museu com a história da energia elétrica.

www.light.com.br

Light

O RIO **É LIGHT**

# apicius em dó maior

por **vera de souza**

**Em 1988, quando estourou à frente da banda Conexão Japeri, Ed Motta era apenas o sobrinho de Tim Maia, muito distante do antropófago pós-moderno, que viria a misturar jazz, *pinot noir* e azeite extra-virgem em um caldeirão multicultural. Vinte anos depois, o cantor, compositor, produtor e multiinstrumentista Ed Motta é dono de uma produção considerável: 13 discos, que são uma verdadeira usina onde se encontram elementos da música brasileira, do jazz, clássica e standards americanos. Esse labor frenético foi empreendido com o refinamento e a entrega de um *gourmet* e amante das jóias da vida. Ed Motta devia estar brincando quando cantou que não nasceu para o trabalho.**

Se o que está dito acima não surpreende, imagine que Ed ainda mantém um programa de rádio, 'Empoeirado', na Eldorado de São Paulo, onde compartilha com os ouvintes algumas das suas raridades em vinil. Músicas de todos os estilos e de todas as partes do mundo. E até a bem pouco tempo, uma coluna em Veja sobre gastronomia, tema que junto com enologia ele domina como poucos.

É com este multifacetado personagem que Carioquice foi conversar para saber como se passaram esses 20 anos de carreira que, ao contrário de muitos de sua geração, ele conseguiu manter e se renovar constantemente, tornando-se um artista reconhecido não só no país como internacionalmente.

Ao sermos recebidos em sua casa nos deparamos com uma sala tomada por nada menos que 20 mil vinis, todos meticulosamente organizados, vários instrumentos musicais, entre piano, escaletas, violão, bateria e alguns outros. Além de uma vasta biblioteca, com títulos sobre música dos mais variados países e, *last but not to least*, uma coleção de filmes clássicos para fazer babar os maiores cinéfilos. O acervo de discos ele divide entre sua casa, o estúdio e a casa dos pais. "Aqui só estão os que estou ouvindo agora", simplifica o artista. Não há como não deixar de pensar que

Edna Lopes

"Com a internet as raridades em disco não existem mais, o que existe é quanto seu cartão de crédito pode pagar"

Ed e sua mulher, Edna Lopes, moram com os vinis. Mas, sem dúvida, o clima é acolhedor.

A pergunta é como o menino da Tijuca, Eduardo Motta, nascido em agosto de 1971 chegou até aqui? Ele conta um pouco dessa época, quando ainda pequeno ouvia os discos de bossa-nova e samba-canção de seus pais, Antonio Carlos e Luzia ou ainda os discos da irmã, Regina, e o que tocava nas rádios. Nesse caso, final dos anos 70, era a época do disco-music. Surgiu, então, a paixão pelo Earth, Wind & Fire e logo em seguida pelo rock. Junto à nova descoberta, veio uma verdadeira obsessão em conhecer tudo de música. Resultado, começou a sua fase de colecionador. "Essa história de coleção de disco tem muito a ver com jazz, rock e clássico. A música *black* não tem essa veia *nerd*", declara.

E *nerd* era exatamente seu perfil de adolescente, daqueles que só andavam de camisa preta com estampa de alguma banda de rock, freqüentava o Alto da Boa Vista com seus amigos, falava só de música e tocava o tempo inteiro. "Na época eram duas turmas, a do surf, que tinha namorada, e a minha galera, que não tinha e era meio nerdão. E na nossa turma todo mundo entendia de música. Eu nunca quis ser *playboy*, usar roupa da Company, ir à Mamute. Não tinha papo. Era muito rock e carros barulhentos, Ou seja, a turma esquisita (ri muito)'.

Foi a fase em que renegou tudo que ouvia antes, a música negra. Mais tarde todas essas influências iriam se misturar no seu caldeirão musical. Antes, no entanto, tornou-se vocalista da banda Kabbalah, de hard rock. Além de participar de algumas outras como baterista e depois na guitarra. Bem ao estilo de um jovem que estava procurando as coisas.

Aos 16, nova virada com a gravação de seu

primeiro disco, Ed Motta e Conexão Japeri, com influências do funk, soul e pop-rock. Foi um sucesso arrebatador, das nove músicas, quatro se tornaram sucesso:: 'Manuel', 'Vamos dançar', 'Baixo Rio' e 'Um love'. "Sempre ouvi e pesquisei muito sobre música e quando cheguei ao som do primeiro disco, já tinha experimentado muito. Aquilo não apareceu assim: plá, na minha cabeça! Seria maravilhoso se fosse, ficaria mais genial. Mas foi gradativo", conta.

### Coleções e afins

O colecionismo, segundo Ed, anda junto com sua carreira. Ele diz que é sua inspiração e destaca que "a poesia da minha vida é quando chega um disco novo em casa e abro o encarte e ponho para tocar. É o que me emociona. Tem compositor que vai olhar essa mata, vai ver um pássaro voando e vai compor. Eu não".

Falar sobre suas coleções rende papos diversos e para muitas horas. O primeiro é como conseguiu e como consegue essas raridades. Conta que hoje garimpa não só no Brasil como em todos os países que viaja e declara que, com o advento da internet, não há mais raridade. "As raridades não existem mais, o que existe é quanto seu cartão de crédito pode pagar por uma delas".

Ed, que recebe, em média, cinco novos discos por dia, conta com orgulho como conseguiu alguns desses verdadeiros objetos do desejo, como é o caso dos dois vinis 'Coisas', um mono e um estéreo, do maestro Moacir Santos, com quem viria a gravar em 2001, no projeto 'Ouro Negro'. "Foi pura sorte, mas acho que é meio espiritual, quando você está conectado atrai as coisas. É um disco raríssimo e o primeiro que consegui foi com um senhor que tinha um programa de rádio na Tupi, aqui do Rio. Comprei a coleção dele e lá estava o disco com autógrafo do maestro, da

**"Eu nunca quis ser playboy. Minha galera era meio *nerd*, todo mundo tocava e falava de música. Era muito rock e carros barulhentos. Ou seja, era uma turma meio esquisita (risos)"**

ONOMIA

F/NAZCA S&S
Em um momento de tantas dúvidas, quem sabe onde investir?
O Uniclass tem um consultor de investimentos especializado, pronto para oferecer as opções mais adequadas ao seu perfil, além de acompanhamento personalizado na agência, pelo telefone ou pela internet. Uniclass Unibanco. O banco único.
UNICLASS
UNIBANCO

época do lançamento. Ele me contou que um dia estava na janela de sua casa, na Urca, e Moacir Santos passou. Ele o convidou para ir ao programa e por isso o disco autografado. O segundo que comprei foi do dono da gravadora, Roberto Quartin, pouco antes dele morrer. Na realidade tinha ido comprar a coleção de filmes clássicos dele e encontrei o LP. Como nessa época já mantinha contato com Moacir ele o autografou para mim".

Perguntado sobre seus sonhos de consumo, ele enumera milhares de filmes e discos que vive procurando mundialmente, em especial dois: Um 78 rpm de Newton Mendonça e o primeiro disco gravado por Johnny Alf, pela Sinter, em 1952. "Nunca vi nenhum dos dois, mas sei que o do Johnny é totalmente instrumental só com piano, baixo e bateria, com as músicas 'Falsete', de autoria de Alf e 'De cigarro em cigarro', numa parceria com Luiz Bonfá. Pode ser que um dia eu dê uma sorte de comprá-los como comprei os do Moacir, por cinco e dez reais".

O cuidado com os discos é um capítulo à parte. Ed é quem organiza todos eles, por ordem alfabética, e quem os limpa, desde adolescente. Antes de ter a máquina de lavar discos ele usava um método bem tradicional: água com sabão de coco. O ritual inclui uma limpeza quando os discos chegam e a cada vez que são ouvidos. 'Se pegar um disco meu de quando eu tinha 14 anos, vai parecer que chegou hoje".

Mas como falar em vinil sem falar de agulhas? Nesse item, Ed diz que é bem comedido, pois as melhores agulhas têm um preço exorbitante, algumas chegando a 15 mil dólares. Ele conta que usa uma agulha razoável, mas normal e observa que para um audiófilo chato sua agulha seria um fuscão. Mas dá o caminho das pedras para aqueles que como ele amam o vinil. O melhor é comprar pela Internet, mas se bater um sufoco há a tradicional 'Loja das Agulhas', no Centro de São Paulo, onde já comprei muito. Como nesse segmento o céu é o limite, prefiro gastar com discos, filmes e livros que passem pelo tema da música".

### o ano passado em nova york

Voltando à vida profissional, o tempo passado com o Conexão Japeri foi curto. Logo Ed seguiria a carreira solo e daria início a um trabalho mais voltado para a musicalidade dos sons produzidos pela voz e deixando, pouco a pouco, de lado as letras que considera uma legenda da emoção. "Gostaria que as pessoas captassem, na minha obra, o que quero passar, que é mais ligado ao mundo abstrato do que o real".

Ed Motta e o maestro Moacir Santos na gravação do CD "Ouro Negro"

O adolescente Ed Motta na casa de seus pais, na Tijuca

Em 1994, casou-se com a artista gráfica e quadrinista, Edna Lopes. Juntos passaram um longa temporada, na década de 90, em Nova York e foi lá que Ed mergulhou nos universos da MPB, descobrindo a beleza da música de Tom Jobim, Edu Lobo, Guinga e Chico Buarque. A música erudita com Debussy e Poulenc, as trilhas sonoras de Hollywood e os musicais de Stephen Sondheim. Tudo isso iria se refletir nos seus novos trabalhos.

Ed afirma que nunca teve necessidade de se expressar através da palavra poética, e quem o liberou desse trauma de não gostar de letra foi Aldir Blanc. A temporada nova-iorquina o fez prestar atenção nas músicas de Guinga e nas letras de seu parceiro , Aldir. "Quando ouvi fiquei maravilhado, vi que ele tinha um lance muito diferente. Eu nunca fiz letra, mas se fizesse queria ser um cronista urbano. Um Aldir Blanc, sem dúvida. Ou um Noel, que tem um texto absurdo". Resultado é que na volta ao Brasil, compôs e gravou com Aldir Blanc, no disco '50 anos'.

Em 2002, realizou um sonho acalentado há muito tempo,com o álbum 'Dwitza'. Foi o disco que estabeleceu um divisor de águas na sua carreira. Saiu de cena o sofisticado compositor pop e em seu lugar surgiu o experimentalista de privilegiada cultura musical. No disco, o sexto de sua trajetória, praticamente instrumental, com exceção de duas faixas 'Doce Ilusão' (escrita por Nelson Motta) e 'Coisas naturais' (parceria com Ronaldo Bastos) há várias referências, indo do soul ao funk, jazz, passando pela música de cinema, erudito e MPB. Ele, que vinha de álbuns aplaudidos como 'Manual prático para festas, bailes e afins –vol.1', que remetia aos tempos do Conexão Japeri, e a trilha de 'Pequeno dicionário amoroso', sentiu uma certa resistência das pessoas que não estavam acostumadas com os vocalises jazzísticos que permeiam o álbum. Diz que chegou a ouvir de alguns que ele estava improvisando, no mau sentido. "Para muitos, a música que não tem letra é improviso, é qualquer coisa. E não é assim, é uma música como outra qualquer, só não tem *statement* de emoção"

Ed alerta que estamos num período que relativiza a arte, a técnica, o virtuosismo. Tudo é em prol de quanto mais simples melhor. "Vamos fazer uma coisa assim: voz, piano e percussão, bem pouquinho porque o povo (...). Claro que quanto menos melhor, se você for um Mondrian, é claro. Se não for, fica difícil. E é o que está acontecendo, é uma estética do simples, simplório".

Sua ida para a gravadora Trama com o lançamento de 'Poptical', foi o momento em que sua carreira internacional deslanchou. E o circuito

Casamento de Edna e Ed Motta com o padrinho Robson Lemos, em Nova York, em 1994

Ed Motta e Conexão Japeri

**O acervo de Ed Motta em vinil é de tal importância que o Instituto Cravo Albin já pediu, meio que de brincadeira, meio a sério, que ele legasse em testamento seus discos brasileiros para o ICCA**

Edna Lopes

Japão, Europa e Estados Unidos passou a fazer parte de sua rotina.

Em seu novo disco, 'Chapter 9', mais uma vez Ed surpreende ao aparecer tocando todos os instrumentos (bateria, baixo, guitarra, vibrafone, percussão e teclados). Como um Hermeto Pascoal. Ele conta que isso se deu bem por acaso. Como em todas suas gravações, Ed preparou uma fita demo para os músicos desse álbum, que é de canções. "São músicas que na sua formatação de composição, harmonia e melodia são tradicionais e poderiam estar num disco de piano e baixo acústico, violão de nylon, os músicos todos de preto, aquela coisa chique, com estréia num grande teatro numa quinta-feira à noite. Tem tudo para ir para esse caminho, mas eu queria que elas tivessem um tratamento lisérgico, angustiante, um pouco ligado a estética do pop rock, misturando esses acordes as melodias da música brasileira. Então pensei, nada melhor do que deixar eu mesmo tocando. Como disse o Fellini em '8 ½' ' meu filme não é de vanguarda, mas tem todos os defeitos para ser considerado como tal'. É meio isso, do defeito vem o estilo, vem a marca".

### trilhas

A música que abre 'Chapter 9', 'The man from the oldest building', em parceria com Cláudio Botelho, integra o musical '7' da dupla Botelho/Moeller. Essa é uma das tantas experiências que Ed teve como compositor para teatro e cinema. Aí se incluem a trilha de 'A Partilha', de Daniel Filho, do premiado curta 'De volta pro cinema', de Quiá Rodrigues e, mais recentemente do filme, ainda inédito, de Bruno Barreto, 'Caixa 2'. Ed afirma que gostaria de fazer mais trilhas para cinema e teatro, que é uma coisa que adora.

Mas aponta que, apesar do *boom* do cinema nacional, isso não tem acontecido muito. "Isso é como tudo, já tem a turma que faz. E para entrar nesse círculo tem que ir àquele jantar, àquela festa, e eu não vou. Sou como aquele alfaiate da Rua Sete de Setembro esquina com Uruguaiana, meio mal-humorado, mas que tem um bom corte. E alguém fala: 'Vai lá que ele faz'. Mas não aquela coisa, putz, ele vai não sei onde, recebe todo mundo gracinha, serve chá verde para os clientes (risos)".

**O outro lado do Rio**

A paixão de Ed por livros e discos levou-o desde cedo a freqüentar os sebos e lojas de discos. Em menino, seus passeios preferidos eram ir,ao lado do pai, à Leiteria Silvestre, ao restaurante

**"Estamos num período que relativiza a arte, a técnica, o virtuosismo. É tudo em prol do quanto mais simples, melhor. Se você você for um Mondrian, é compreensível. Senão fica uma estética do simplório"**

Paisano (no final da Avenida Rio Branco). "Vou parecer disco arranhado, mas o que eu gosto é de andar no Centro do Rio. Esse Rio de Janeiro com clima de filme preto e branco é o que eu mais gosto. O Rio meio Califórnia, da praia, não me interessa muito não. Claro que eu gosto de passar, de ver. Quando pego um táxi e o motorista diz que vai cortar caminho por dentro, porque é mais rápido, eu me recuso. Eu moro num lugar ótimo, vou cortar caminho pra quê?".

As memórias do Centro o levam a falar de um personagem que foi definitivo no seu aprendizado musical: seu Carlinhos, da Motodiscos. Na época, o adolescente Ed saía da escola, na Tijuca, e se postava na loja e fazia todo tipo de perguntas. "Seu Carilhos, a Carmen McRae, qual é o outro disco dela? O que é que ela faz? E ele com a maior paciência explicava", recorda.

Os sebos do Edifício Avenida Central eram outro ponto obrigatório para Ed, onde ele ficava até às 10h da noite, anotando tudo, ouvindo discos e conversando. O circuito dos sebos, ainda hoje, fazem parte de sua rotina. "Essa atmosfera do Centro me faz chorar. Às vezes saio de um sebo e me deparo com um senhor no melhor estilo Wilson Grey, Ary Barroso ou Amigo da Onça, que é o biótipo carioca que não existe mais e só se encontra no Centro. O biotipo de hoje é 'aí oh, maneiro'. Por isso sempre arrumo uma besteirinha para comprar no Centro. Compro charutos numa tabacaria bem simples do Mercado das Flores ou naquela do Saara, única que vende fumo para narguile".

Morador do Jardim Botânico, se considera um privilegiado, pois adora a mata. Mas sonha ainda em morar na serra. "Um dia vou viver lá, com todos os meus discos, um estúdio e um quintal enorme, onde vão acontecer os shows de Ed Motta. Quem fosse, teria direito a uma pousadinha ao lado. Algo para 150 pessoas, tipo o barco do Roberto Carlos", risos.

> "A atmosfera do Centro me faz chorar. às vezes saio de um sebo e me deparo com um senhor no melhor estilo Wilson Grey, Ary Barroso ou Amigo da Onça. Esse biotipo carioca praticamente não existe mais, só mesmo no Centro"

**cozinha gourmet**

A fama do *gourmet* e enólogo Ed Motta vai longe, mas poucos sabem desse segredo. "Eu cozinho, mas minha mulher cozinha melhor. Aqui é o contrário, a cozinha francesa é a masculina, a da técnica, e essa Edna domina. E a comida italiana, que é a do coração, da mãe, sou eu. A Edna é padrão Michelin três estrelas. Por isso eu digo: pra que sair de casa se tenho tudo o que quero aqui?".

Fora sua casa, ele elege alguns lugares da cidade onde gosta de comer e beber. O Satyricon, em Ipanema, por ter o melhor peixe do Brasil, o restaurante de Roberta Sudbrack, que ele considera genial. Depois disso, ele diz "é a comida de botequim, do Nova Capela, do Bar Luiz, do Cosmopolita,da Adega do Pimenta, que faz a melhor salada de batata do Rio e que junto com o Braz, tem o melhor chope da cidade. Mas sinto falta

HOHNER
melodica

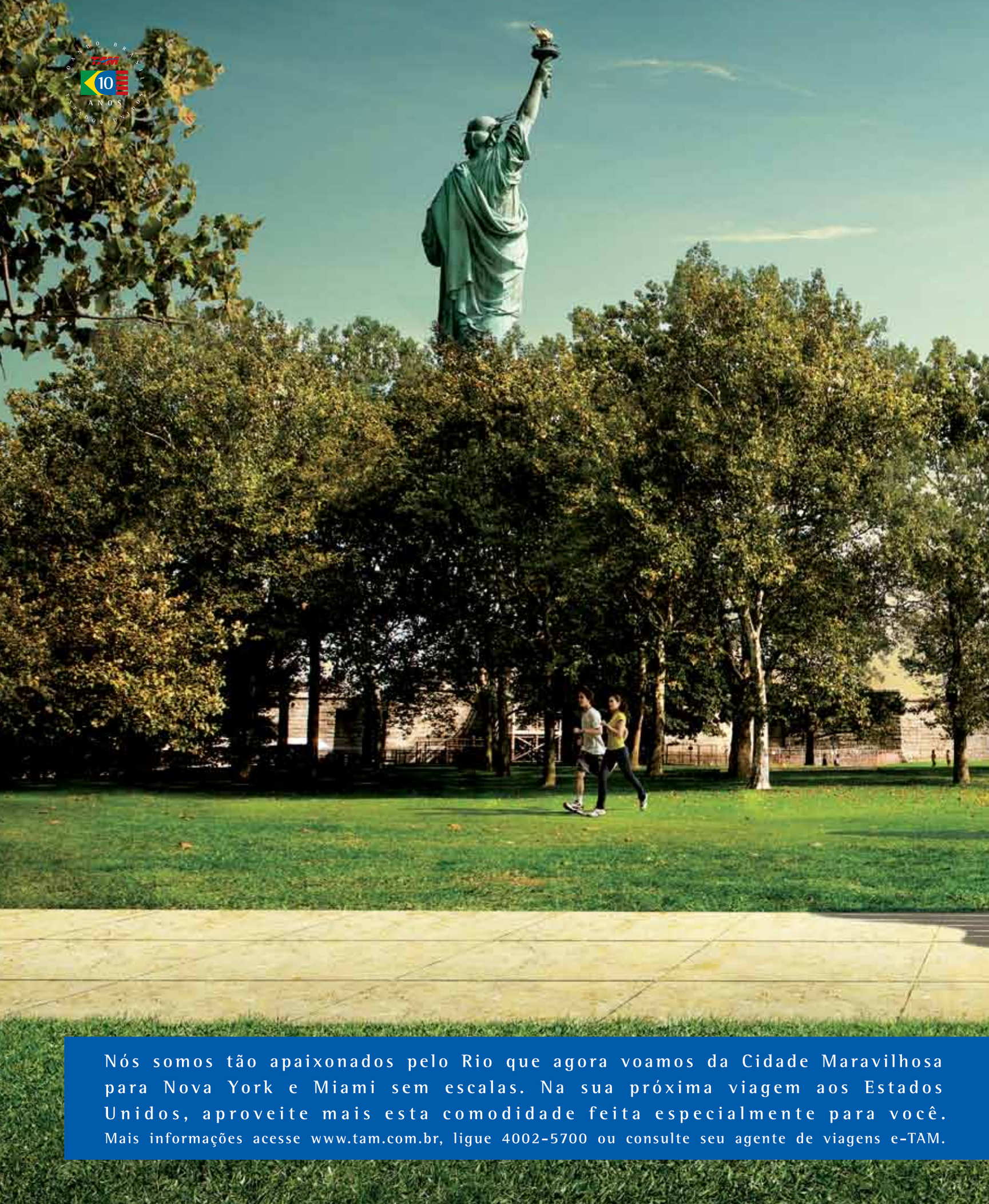
> "Eu cozinho, mas a Edna, minha mulher, cozinha melhor. Ela domina a cozinha francesa, que é a da técnica. Já eu sou da comida italiana, da mãe, do coração".

de bons restaurantes médios e muitos que estão nesse segmento fazem molho rôti para tudo. Tem que ter coragem. Também não podemos querer ter tudo. Já temos essa natureza exuberante e ainda vamos querer ter a melhor gastronomia?".

Ed atribui essa falta de tradição gastronômica do carioca a dois fatores: a praia, que exige todo mundo com um corpinho dez, o que leva a comer qualquer coisa e pouco, e a um aspecto festivo. "Pergunte pro carioca se ele prefere um jantar bacana com quatro pessoas ou uma feeeesta? Todo mundo vai dize: feeesta agora!!! Todo mundo se ver, se falar, se beijar, com som alto. Aqui todo dia é *réveillon*. É uma alegria descontrolada (risos)".

A TIM acredita que a tecnologia é apenas o seu ponto de partida.
Porque o mais importante é o que você vive.

**VIVER ALÉM DA TECNOLOGIA.**




Nós somos tão apaixonados pelo Rio que agora voamos da Cidade Maravilhosa para Nova York e Miami sem escalas. Na sua próxima viagem aos Estados Unidos, aproveite mais esta comodidade feita especialmente para você.
Mais informações acesse www.tam.com.br, ligue 4002-5700 ou consulte seu agente de viagens e-TAM.

Rio–Estados Unidos sem escalas.

Tão fácil que todo mundo vai querer ir.

# Valsas para toda a eternidade

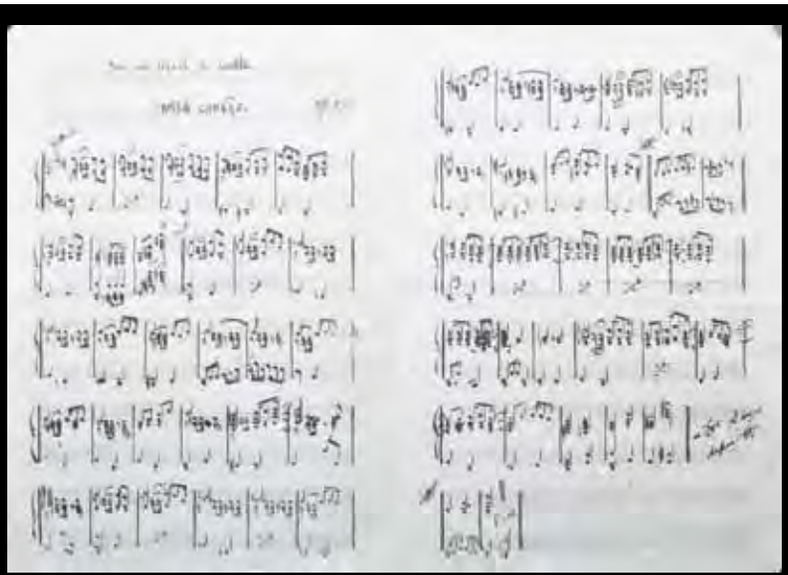
por Monica Ramalho

**Diferentemente de Noel Rosa, também morto antes dos 30 anos vitimado por tuberculose, você pode nunca ter pronunciado o nome de Francisco Mattoso, mas na certa já cantarolou alguma de suas músicas, entre elas as valsas 'Eu sonhei que tu estavas tão linda', uma de suas últimas melodias, letrada por Lamartine Babo e campeã de regravações, como a de Sérgio Ricardo, em 1961; e 'Boa noite, amor' (parceria com José Maria de Abreu), com inúmeras versões como as de Elis Regina (1972) e da dupla Ângela Maria e Cauby Peixoto (1982). Em todas elas, uma só vontade: encostar o rosto docemente na face cálida do seu grande amor.**

Noel Rosa, Lamartine Babo, Mário Reis, Francisco Alves, Orlando Silva, Aurora e Carmem Miranda, Almirante, Nonô e José Maria de Abreu estavam sempre às voltas com as criações de Francisco Mattoso, dono de uma das carreiras mais curtas e significativas da música popular brasileira. Nascido em abril de 1913, na cidade de Petrópolis, o rapaz dedicava um punhado de horas diárias à composição, em um dos três pianos que ocupavam o salão de entrada da residência dos Queirós Mattoso, uma ampla casa na Rua das Laranjeiras que se estendia até a Rua Alice, onde moravam seus pais Joaquim e Maria Custódia e irmãos — três mulheres e cinco homens. "Francisco era irresistível segundo todos que conviveram com ele", atesta o sobrinho, o médico Luiz Felippe de Queirós Mattoso, ao evocar histórias do tio célebre, que mereceria alentado verbete no dicionário Cravo Albin da MPB.

Quem não se lembra da marchinha 'Pegando fogo', sucesso na voz de Gal Costa em 1982, um hit daquela década? Em 2004, Mônica Salmaso revisitou a canção 'Vingança', versos dele e melodia de Abreu, em estúdio. Com a ajuda de Henrique Cazes, o economista Arnaldo de Queirós Mattoso, outro sobrinho do autor, conta que escolheu e gravou numa fita cassete demo, 30 das 68 composições deixadas por Francisco.

"Cazes ficou impressionado com a modernidade da valsa 'Horas iguais', gravada por Orlando Silva,



Partitura inédita sem data

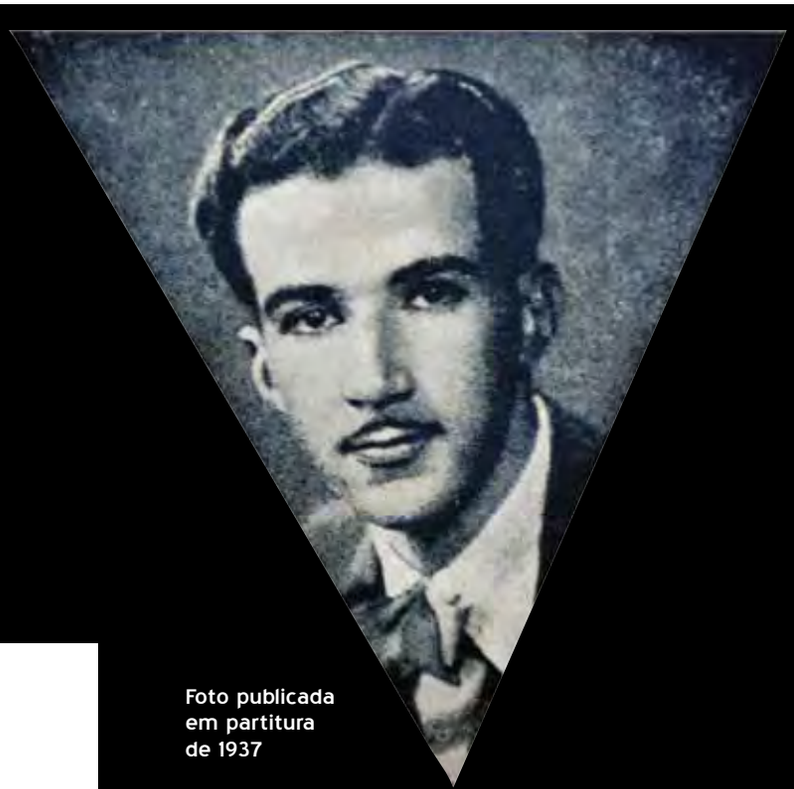


Foto publicada em partitura de 1937

e na ocasião eu me diverti com a marcha 'Erre, se aproveito', uma provável crítica à gravadora RCA a julgar pelo título e pela letra, que menciona o cachorrinho da logomarca", diz Arnaldo. É com ele que está o acervo de Francisco Mattoso: partituras (ele costuma encontrar à venda na internet e arrematar por simbólicos R$ 10), áudios e raras fotografias. Arnaldo vem trabalhando aos poucos para lançar antes de 2011, quando a obra de Francisco Mattoso cai em domínio público, um álbum com as melhores músicas do Rei da Valsa (como ficou conhecido em conseqüência de seus maiores sucessos), incluindo pelo menos três inéditas, chamadas 'Prepara tua roupa', 'Sem sinal de revolta' e 'Ai, mocinho'.

Francisco Mattoso se formou em Direito, mas nunca usou os conhecimentos para defender nenhuma causa, além da boemia. "Todos diziam que ele era muito mulherengo", conta Felippe. "Com o amigo Raul Simonsen, ele alugava três casas na Avenida Niemeyer, 550, onde organizavam festas memoráveis". O sobrinho revira a memória atrás de notas de rodapé: "Ele tinha

**Dos econômicos 28 anos de vida de Francisco Mattoso, apenas oito foram empenhados no processo de fazer música, das populares marchinhas às peças clássicas. Pouco antes de morrer, compôs uma 'Ave Maria' surpreendente**

dinheiro de família, mas certamente a parte dele acabaria cedo", arrisca. Pelas características, foi um *bon vivant*: promovendo festas na *garçonière*, apostando nos cassinos da Urca e do Copacabana Palace e circulando num automóvel conversível de placa número 17, conhecidíssima nas ruas cariocas. "Lembro desse carro, que era guardado na garagem do meu pai quando morávamos numa casa na Lagoa, em frente ao Clube Naval Piraquê, que ainda não existia". Felippe nasceu no casarão das Laranjeiras, onde todos os tios sempre tiveram seus quartos intactos, mesmo depois de se casarem.

Felippe conheceu bem, pelo menos, dois personagens importantes na biografia de Francisco: o médico Aloísio de Paula, que o acompanhou até seus momentos finais, e o cantor Mário Reis, um de seus intérpretes. "Mário falava sempre no Francisco. Dizia que poucos do nível social deles se envolviam com samba, pois era feito por gente do morro. Mário achava graça na letra de 'Vai-te embora', que ele cantava quando queria implicar com uma amiga". De seus econômicos 28 anos de vida, apenas oito foram empenhados no processo de fazer música, das populares marchinhas às peças clássicas. Pouco antes de morrer, compôs uma 'Ave Maria' surpreendente, apontam os sobrinhos. "E ele doou os direitos aos leprosos, possivelmente a uma colônia. Foi gravada pelo soprano Alma da Cunha Miranda, com arranjos do maestro italiano R. Massarani", revela Arnaldo.

Foto publicada na revista The Camera de fevereiro de 1926

A doença que matou Francisco em dezembro de 1941, a seis dias das comemorações natalinas, foi mantida em segredo pelos irmãos que sempre se recusaram a pronunciar seu nome. "Naquela época, ninguém se internava a não ser em sanatório e nem existia um tratamento eficiente. Eu perguntava do que ele tinha morrido e todos respondiam muito vagamente: 'de uma doença na pleura'. Tuberculose era uma palavra maldita na família", explica Felippe. Nos doze meses derradeiros, as irmãs — e, principalmente, Olga, solteira como Francisco — se mobilizaram para cuidar do compositor. A dedicação se estendeu aos animais de estimação do músico. "Apesar de não ter ligação com os cães, as tias continuaram a cuidar deles quando o irmão morreu. Eram duas fêmas e um macho, responsáveis por ninhadas periódicas", afirma Felippe. Mais um dado interessante sobre o Rei da Valsa: ele esteve entre os primeiros criadores da raça Boxer no Rio de Janeiro.

### na esquina com noel (*)

Francisco Mattoso estreou na cena musical de um Rio de Janeiro efervescente em 1933, quando conheceu Noel Rosa. A dupla compôs o samba 'Esquina da vida', gravado por Mário Reis com o piano de Romualdo Peixoto (o Nonô, tio

de Cyro Monteiro, que ficou famoso pela alcunha de 'Chopin do samba') e 'Vai pra casa depressa' (também conhecida como 'Cara ou coroa'), que só deixou de ser inédita em 1963 na interpretação de Marília Batista. Em 1934 fez 'Eu me lembro de você' com Oldemar Gomes Pereira, lançado pelo Bando da Lua no ano seguinte. Em 1935, a música de Francisco Mattoso chegou às rádios em quantidade: Jaime Vogeler (parceria com Nonô) gravou a marcha 'Tão boa', Aurora Miranda registrou 'Em primeira edição', Gastão Formenti escolheu o samba 'Eu jurei' (feita a seis mãos com José Maria de Abreu e Barros de Souza) para o seu trabalho e o Bando da Lua gravou 'Eu me lembro de Você', de Francisco e Mazinho.

Ainda em 1935, o samba-canção 'Perto do céu' (com Nonô) e a valsa 'Velho amor' (com José Maria de Abreu) foram gravadas por Silvinha Melo e o foxtrote 'Hei de ver-te um dia' (com J. Cabral e Freire Jr.), por Francisco Alves. Cerca de 40 músicas feitas em parceria com o melodista José Maria de Abreu foram registradas nos anos seguintes, entre elas 'Esquina do pecado' por Almirante e Lamartine Babo, 'Vingança' por Gastão Formenti e 'Boa noite, amor' por Francisco Alves (as três em 1936); 'Horas iguais' por Orlando Silva e 'Mari' por Carlos Galhardo (ambas em 1937, ano de falecimento de Noel Rosa, também vítima de tuberculose); 'Onde está o dinheiro?', por Aurora Miranda, e 'Pegando fogo', pelo Bando da Lua (as duas em 1938); o samba 'Golpe errado', por Almirante, e a valsa 'Se o nosso amor ainda existisse', por Francisco Alves (em 1940).

O fox-canção 'Sombras ao luar' foi interpretado por Carlos Galhardo em 1941. Francisco Mattoso já estava bem doente quando recebeu a visita do amigo Lamartine Babo e tocou para ele, ao piano, uma valsa lenta que acabara de fazer, ainda sem nome. Encantado com a melodia doce, Lamartine escreveu uma letra romântica. Ele planejava incluir a composição numa opereta jamais concluída, que se chamaria 'Viva o amor'. Francisco Alves lançou 'Eu sonhei que tu estavas tão linda' em outubro de 1941, a tempo de Francisco Mattoso ouvir a gravação. O Rei da Valsa viveu apenas mais algumas semanas e não chegou a ver este clássico da música brasileira tornar-se um dos grandes sucessos daquele ano.

Foto de 1922, feita na Rua Dona Mariana

*(*) Dados retirados do verbete de Francisco Mattoso no Dicionário Cravo Albin*

# a última morada da mpb

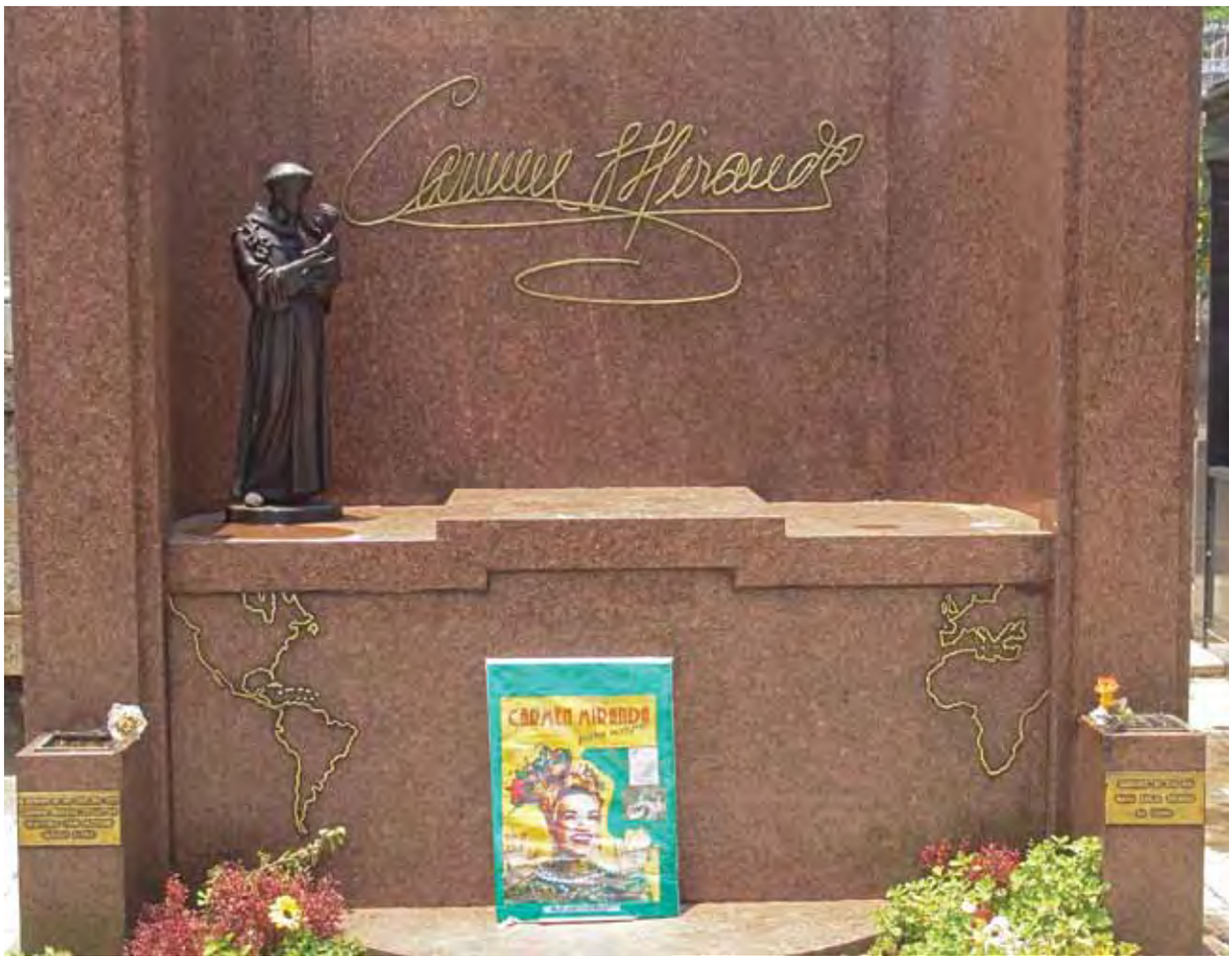
por Kelly Nascimento

**O Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) vai rastrear a música que jaz nos mausoléus do Rio de Janeiro. É o projeto "Formação do inventário para os cemitérios da cidade do Rio de Janeiro", convênio entre o ICCA e o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), órgão da Secretaria Estadual de Cultura. A iniciativa servirá para mapear todos os cemitérios do Rio em busca de mausoléus de figuras expressivas de nossa música. O resultado da pesquisa será um livro nos moldes do que já existe em Paris, do Père-Lachaise. "Estamos firmando convênio entre Inepac e ICCA com o arquiteto Marcos Monteiro. Mozart Serra, presidente do Instituto Cultural da Light, está entusiasmado em aderir. Ele que acaba de receber o Prêmio Barão de Mauá para cultura 2008, da Associação Comercial do Rio de Janeiro", conta Ricardo Cravo Albin.**

O projeto prevê uma equipe de campo composta por cinco profissionais: dois historiadores de arte, um museólogo, um fotógrafo e um historiador da música. "O ICCA entra com a descrição histórica da MPB e pesquisadores de música. Já o Inepac participará com a descrição histórica e artística dos túmulos", explica o patrono do ICCA. A etapa inicial prevê o mapeamento e a localização dos túmulos nos cemitérios São João Batista, do Caju e do Catumbi, inicialmente. "Há, contudo, outros cemitérios nos arredores do Rio que podem ter alguma referência e devem ser pesquisados. Já soube que, por exemplo, o cemitério israelita abriga Victor Simon e um russo, Georges Moran, autor de Balalaika". Em seguida, a equipe organizará o material da seguinte forma: inventário histórico; levantamento de danos aos túmulos; descrição artística de cada túmulo; levantamento fotográfico.

"Isso tudo foi provocado pela notícia de venda da tumba de Vicente Celestino e Gilda de Abreu, o casal 20 da Era do Rádio. Eles casaram em pleno palco do teatro na Praça Tiradentes. Foi o casal mais célebre, uma espécie de Glória e Tarcísio, dos anos 30 a 50. Bem, o viúvo do segundo casamento de Gilda de Abreu, José Spintto (ex-cantor), quer vender o túmulo, alegando que o busto em cobre de Vicente teria sido roubado

"O TEMPO NÃO PARA"
★ 4-4-1958 † 7-7-1990




no São João Batista. Isso não justifica a venda!", conta Ricardo indignado.

O objetivo inicial do projeto é levantar um universo de cerca de duzentos túmulos, contemplando os de intérpretes, compositores e músicos de referência histórica que tenham sido sepultados na capital do Estado do Rio de Janeiro. Um dos produtos finais da iniciativa será um banco de dados recolhido, que poderá ser editado em forma de livro, além de site na internet. "Nossa idéia é fazer um livro sobre a arte cemiterial, apenas do povo da música. O Rio é uma cidade musical, nosso principal aeroporto tem o nome de Tom Jobim! Então, esse será o primeiro livro cemiterial, depois da obra do crítico de arte baia-

**A lista de grandes nomes da música brasileira que fizeram dos cemitérios do Rio sua última morada, é extensa. Cazuza, Carmem Miranda, Francisco Alves, Noel Rosa, Paulo Sérgio, Tim Maia, Dolores Duran, Emilinha Borba, Waldick Soriano, Lamartine Babo, Cartola, Jamelão e muitos outros.**

no, Clarivaldo Prado Valladares. Os cemitérios de Paris e Veneza são célebres, mereceram livros sobre os famosos lá enterrados", compara.

O convênio prevê, ainda, um esforço conjunto dos signatários no sentido de se propor aos cemitérios mapeados e/ou à autoridade pública um esquema mínimo de segurança nos cemitérios, que possa evitar a destruição seqüencial de túmulos provocada por roubos e/ou má conservação. "A coisa mais grave de tudo isso é a segurança ineficiente dos cemitérios. O saque de cemitérios não pode continuar". A lista de grandes nomes da música brasileira que fizeram dos cemitérios do Rio sua última morada, é extensa. Cazuza, Carmem Miranda, Francisco Alves, Noel Rosa, Paulo Sérgio, Tim Maia, Dolores Duran, Emilinha Borba, Waldick Soriano, Lamartine Babo, Cartola, Jamelão e muitos outros.

# Nunca um anjo foi tão *gauche*

por **Mônica Sinelli**

**O cruzamento das zonas Norte e Sul do Rio impregnou de originalidade e ousadia a arte de *monsieur* Jards Anet da Silva, alentado verbete do dicionário Cravo Albin da MPB. Nascido, na Tijuca, saiu do pé do Morro da Formiga aos oito anos direto para a pulsação cosmopolita de Ipanema. Misturou chiclete com banana, pintou e bordou. E continua um carioca inspiradíssimo pela cidade: "o Rio é a minha partitura", derrama-se. Ok, Macao, *let´s play that*, como convidava nas antigas o parceiro Torquato Neto.**

O menino Jards nem sonhava em criar o hino dos hippies brasileiros — o hoje clássico "Vapor Barato", com outro parceiro, Waly Salomão — quando jogava uma linha com alfinete e miolo de pão no canal do Jardim de Alá para pescar barrigudinhos. E lá ia o peladeiro prendendo o jogo pela Praia de Ipanema. "Passa a bola, Macalé", gritavam para ele numa referência a um jogador do Botafogo na época. O apelido colou no futuro compositor rubro-negro. E tanto que depois veio o apelido do apelido, Macao, que batizou seu novo CD lançado recentemente pela gravadora Biscoito Fino. Neste trabalho, estão as impressões de uma longa viagem que teve início em sessões musicais caseiras com o pai pernambucano — o oficial da Marinha também chamado Jards — ao acordeom e a mãe, a paraense — e descendente, dizem, de um conde que havia fugido da Revolução Francesa — Lygia, ao piano.

A trajetória ganha corpo quando o garoto troca os campos de areia pelos Concertos da Juventude ao som da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), levado por sua avó, e pelas óperas do Teatro Municipal, que freqüentava com o pai. O Brasil ganhava assim um grande craque... do violão. "Meu fascínio por música e teatro vem daí. Ouvia um som lindo de um instrumento que eu não identificava, vindo de um edifício vizinho. Era Severino Araújo, da Orquestra Tabajara se exercitando no clarinete. Fiquei amigo do filho dele, o Chiquinho, que tocava bateria, e formamos o Dois no Balanço que, de um em um instrumentista agregado, chegou a Seis no Balanço, um conjunto de garotada. O maestro me apresentou um mundo de sambas, choros, maracatus, frevos, jazz e blues. Comecei a aprender violão olhando pela fresta a minha vizinha, que dava aulas com a porta semi-aberta. Quando as lições

**A convite de Caetano Veloso, viajou à psicodélica Londres de 1971 para dirigir o LP Transa. Está lá um violão que ouvido hoje, quase quatro décadas depois, transpira frescor, densidade, vigor**

acabavam, eu pedia o violão dela emprestado e reproduzia os acordes ensinados".

Para arriscar-se também a compor foi um salto. E iluminado. Sua primeira canção, Amo tanto, foi gravada por ninguém menos que a musa da época, Nara Leão, em 1966. E sua primeira música registrada em disco, "Meu mundo é seu" (1964), levou o divino timbre de Elizeth Cardoso. Depois, outras divas trataram de lapidar jóias como "Hotel das Estrelas" (com Duda), que sacudia o Teatro Tereza Rachel na voz de Gal Costa no show que lançou "Vapor Barato", no início da década de 70. Ou "Movimento dos barcos" (parceria com Capinam), interpretada por Maria Bethânia no célebre espetáculo Rosa dos ventos. A propósito, foi na casa do então violonista do lendário Teatro Opinião que a baiana, recém-chegada de Santo Amaro da Purificação, ficou hospedada para substituir Nara Leão no espetáculo que a imortalizou com Carcará.

### Batman no Maracanãzinho

Dali em diante, o cara tocou o terror na área. Barbarizou a caretice do Festival Internacional da Canção no obscurantismo de 1969, avisando que havia nascido aos 15 anos em Gothan City, música em parceria com Capinan, gravada em seu primeiro compacto (Só morto). Perplexa, a platéia reagiu aos alertas sobre a presença de um morcego na porta principal, ao figurino extravagante e às guitarras elétricas com uma vaia que ensurdeceu o Maracanãzinho. Mas que, naturalmente, longe de espantar para a caverna o destemido Batman da canção, empurrou-o para vôos cada vez mais arrojados. Santa ingenuidade de quem pudesse imaginar o contrário. A convite de Caetano Veloso, viajou à psicodélica Londres de 1971 para dirigir o LP Transa. Está lá, neste que é um dos mais belos e musicalmente interessantes discos do baiano, um violão que ouvido hoje, quase quatro décadas depois, transpira frescor, densidade, vigor. O violão personalíssimo de Macalé. Mora na filosofia?

Na volta ao Brasil, um ano depois, fez seu primeiro LP solo, Jards Macalé. Em seguida, gravou ao vivo, com vários artistas, Banquete dos mendigos, disco duplo para comemorar o 25º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Censurado, o álbum só foi para as lojas tempos depois. Em 1974, mais uma da grife Macao. Para lançar o LP Aprender a Nadar, que inaugurava a linha de morbeza (morbidez + beleza) romântica, neologismo em clima de melancolia idealizado por Waly, Macalé convenceu a Polygram, sua gravadora na época, a dar uma festa com som, comes e bebes na barca da Cantareira, que fazia a travessia Rio-Niterói. Para cumprir o lançamento em grande estilo, lançou-se ele, literal e teatralmente, ao mar, na altura do vão central da ponte, como fecho dramático do show. Mas o anjo exterminador da mesmice havia alugado uma barquinha que seguia logo atrás para resgatá-lo das ondas da Baía de Guanabara. Quando a barcona regressou, o compenetrado discípulo de Guerra Peixe já estava em terra firme, para recepcionar os incrédulos convidados.

**O q ele faz é música! E cinema!**

Mas ainda era pouco para o duende das cordas, da voz estranha, das divisões imprevisíveis, da respiração única entre notas e palavras. Um ano depois, devorou rosas e maçãs enquanto interpretava "Princípio do Prazer", concorrente no Festival Abertura da TV Globo. E tome vaia. Mas aplausos também. Era a parte de um público que o aclamaria no show Sorriso Verão, que fez Brasil afora com uma privada (de banquinho) e seu violão. Em 1987, lançou o LP Quatro Batutas e um Curinga, que iniciou uma lacuna fonográfica só interrompida 11 anos depois com o CD 'O Q Faço é Música', em que regravou 'Vapor Barato' e 'Movimento dos Barcos'.

No mais novo trabalho, Macao, ele se deu ao luxo dos luxos: interpretar o que queria, apenas porque queria e do jeito que queria. Nele, estão desde "Farinha do Desprezo", parceria com Capinam que abriu o primeiro disco de sua carreira, até Corcovado, de Tom Jobim, com as harmonias de João Gilberto resgatadas do YouTube, passando por "Ronda", de Paulo Vanzolini. Ah, sim! E a contundente Ne me quitte pas (Jacques Brel). "Era um desejo antigo gravar essa música. E eu achei que tinha que justificar meu sobrenome francês," brinca chevalier Anet.

**Macao sempre foi considerado um violonista de mão cheia. Desde como acompanhante genial de Nora Ney ou Cyro Monteiro nos anos 1960 até ao ator premiado de agora, ele se esmera e reluz**

Louco por música, teatro e, também, cinema, Macalé tem passagens marcantes pela telona. O primeiro convite para ingressar na sétima arte veio do diretor Joaquim Pedro de Andrade: musicar poemas de Mário de Andrade para o filme Macunaíma. Na seqüência, mandou muitíssimo bem como ator em duas películas antológicas de Nelson Pereira dos Santos como o cego Firmino, em Amuleto de Ogum, e Pedro Arcanjo, em Tendas dos Milagres, para as quais compôs ainda a trilha sonora. E virou, ele próprio, personagem do documentário Um morcego na porta principal, de Marco Abujamra e João Pimentel, exibido no Festival do Rio 2008. Além disso, ainda este ano, foi lançado o curta-metragem 'Tira os Óculos e Recolhe o Homem', de André Sampaio, inspirado em música homônima composta por Macalé e Moreira da Silva a partir de um episódio ocorrido quando os dois percorreram o país no Projeto Pixinguinha, em 1977. Em Vitória, o delegado da Polícia Federal decidiu prender Macalé, por ter considerado pornográfica uma canção do repertório do show, pronunciando as trepidantes

**Macao diz que tem "uma cápsula" no bairro do Jardim Botânico, de onde sai para passeios pelo Parque Lage, Lagoa, praias, Centro da cidade e subúrbios. "Mas gosto mesmo é de ficar em casa", diz o mago da viola, para felicidade geral da vizinhança contemplada por seus acordes desconcertantes**

palavras que deram origem à única parceria entre a dupla dinâmica. No filme, Macalé interpreta ele mesmo e também o saudoso rei do samba de breque. Golaço: levou o prêmio de melhor ator nos festivais de Santos e Curitiba.

Hoje morador de Penedo, cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, Macao diz que tem "uma cápsula" no bairro do Jardim Botânico, de onde sai para passeios pelo Parque Lage, Lagoa, praias, Centro da cidade e subúrbios. "Mas gosto mesmo é de ficar em casa", diz o mago da viola, para felicidade geral da vizinhança contemplada por seus acordes desconcertantes. Vai, bicho, sempre desafinando o coro dos contentes.

# Fino tempero musical...

POR JULIA SANTHIAGO

**Imagine ter no almoço um menu que reúne boa música, informação e diversão. Pois é, isso é possível, quinzenalmente, às quartas-feiras, às 12h30min, no Teatro do Centro Cultural da Light, quando acontece o projeto "Tempero Musical". A série de *talk-shows* é promovida em parceria com a Light e patrocínio do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura e da Lei de Incentivo à Cultura. Comandada pelo crítico e jornalista Ricardo Cravo Albin, o "Tempero Musical" traz na direção geral Paulo Roberto Direito, seu idealizador. O historiador da música popular brasileira Haroldo Costa assina a curadoria e direção artística. É tudo salgadinho, cheiroso, no paladar certo. E nem há dúvida: é o show mais original que as estrelas da MPB realizam, porque único e exclusivíssimo.**

O formato do espetáculo é o de uma grande sala de estar, onde Ricardo convida um artista para um bate-papo. Nesse clima, quase intimista, são reveladas histórias, "causos" e verdadeiras pérolas, desconhecidas do grande público e, muitas vezes, dos registros históricos. O encontro deve durar uma hora em ponto (às vezes mais um pouquinho) e mescla entrevista sobre a vida e carreira do ar-

Elymar Santos

Elba Ramalho

tista com números musicais. Segundo o produtor cultural Paulo Roberto Direito, a idéia é resgatar nosso patrimônio cultural compartilhando com a comunidade. "O projeto estimula a democratização do acesso ao bem cultural. A entrada é franca e levamos nomes de ponta da MPB. Em uma casa de shows tradicional, o público pagaria preços altos pelo ingresso e muitas vezes não poderia ter acesso a um espetáculo como esse", avalia. Direito destaca ainda que a hora do almoço é mais um ponto positivo para a realização do evento. "Nosso público volta para o trabalho com outra disposição e, acredito que o entretenimento e a distração, estimula também a produtividade".

Grandes nomes da MPB já se apresentaram no projeto "Tempero Musical" desde 2004, quando foi criado. Elba Ramalho, João Bosco, Lenine, Arlindo Cruz, Jorge Aragão, Leci Brandão, Tereza Cristina, Emilio Santiago, Moraes Moreira, Moacyr Luz, Dudu Nobre, Zélia Duncan, Luiz Vieira, Billy Blanco e Eduardo Dussek são alguns dos artistas que já participaram do projeto nesse período. Em novembro, que esteve por lá foi Nei Lopes e o almoço foi regado a "Goiabada cascão", "Fidelidade partidária", "Senhora liberdade", entremeado de um ótimo bate-papo. Em novembro quem esteve por lá a dona de uma das maiores vozes da Black Music Brasileira, a cantora e compositora Sandra de Sá.

Ricardo Cravo Albin, Moraes Moreira, Paulo Roberto Direito e Haroldo Costa

Beth Carvalho e Ricardo Cravo Albin

Sandra de Sá

Paulo Roberto Direito, Emílio Santiago e Haroldo Costa

# De conversa em conversa

por **Mônica Sinelli**

**O turquinho-paulista Simon Khoury, que desembarcou no Rio de Janeiro aos cinco anos de idade, é um sujeito que parece ter falado com Deus e o mundo. Vai ver falou mesmo. Khoury construiu aqui, palavra por palavra, acorde por acorde, um impressionante arquivo contendo mais de 600 entrevistas com as maiores personalidades da música e do teatro brasileiros. E uma bela coleção de discos raros. Vamos abrir esse baú, rapaz!**

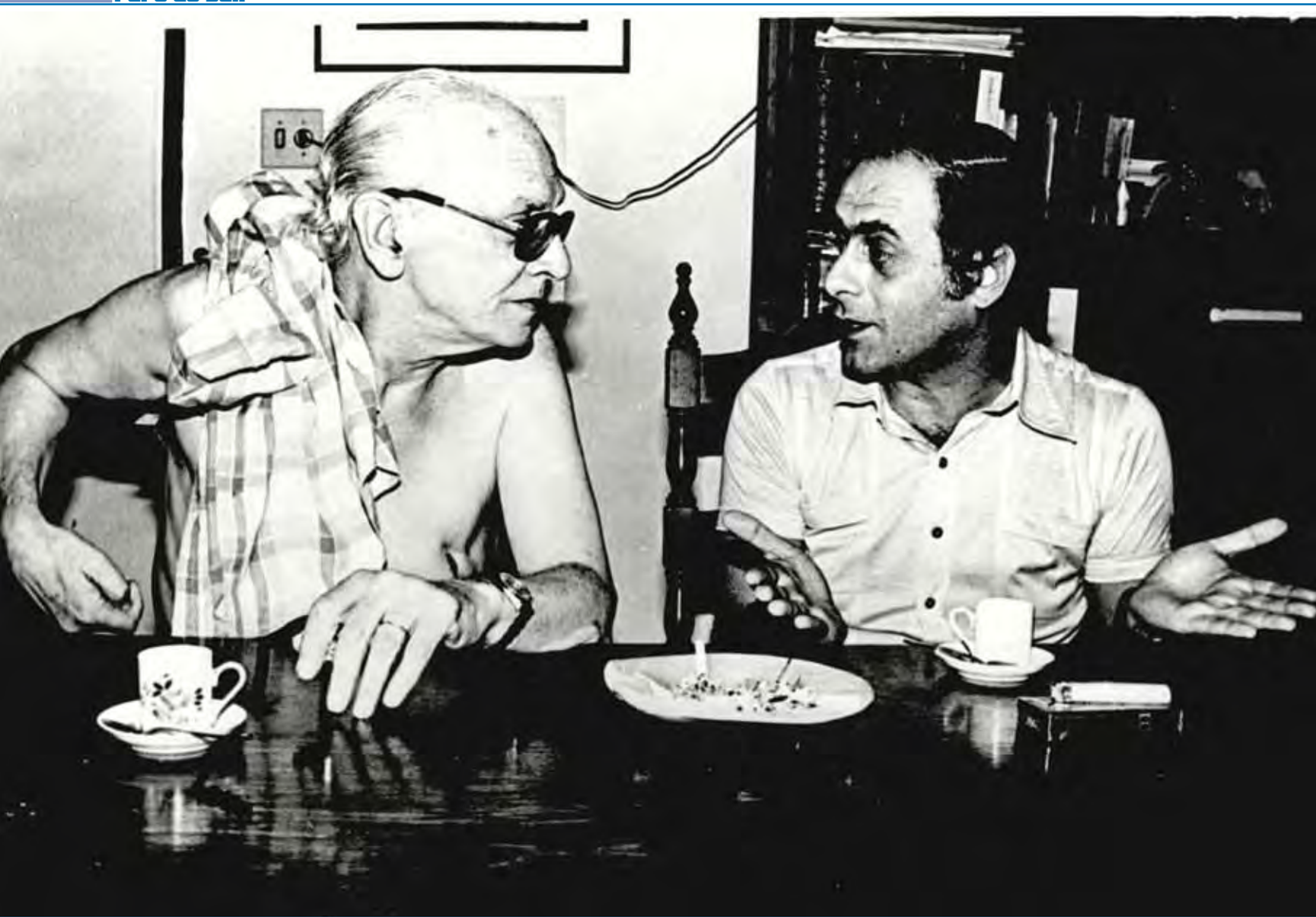
Simon Khoury nasceu em um emblemático dia 25 de janeiro em São Paulo, data de fundação da cidade e da conversão de Paulo ao Cristianismo. Nada mais compreensível que o bebê fosse batizado com o nome do apóstolo. A tradição libanesa — origem de seu pai, Michel Khoury — de dar ao primogênito da família o mesmo nome do avô paterno, entretanto, falou mais alto. Não sem a promessa do velho Michel de homenagear o santo com o próximo herdeiro, o que de fato aconteceu.

"Meu pai chegou ao Brasil fugido da guerra com a Turquia. Como sargento, recebeu ordens para sacrificar três patrícios desertores. Sem coragem de matar uma mosca, embarcou com eles clandestinamente num porão de navio rumo à Argentina. Mas, na escala em Salvador, se apaixonou pela Bahia. Com uma mão na frente e outra atrás, iniciou uma vida de caixeiro viajante e acabou construindo a maior fábrica de prata do Brasil. Assim, conseguiu proporcionar uma educação digna aos cinco filhos," lembra ele, em seu apartamento debruçado sobre o mar de Copacabana.

Numa andança por São Paulo para comprar obras de arte, Michel conheceu sua futura esposa. Com medo de que a extrema beleza da menina pudesse levá-la para, como se dizia, o mau caminho, a família a proibiu de ir à escola. Casada, linda — e analfabeta -, ela sublimou a falta de instrução com uma inteligência visionária e um arrojo que não combinava com a passividade das mulheres de seu tempo. Na década de 50, no Rio de Janeiro, para onde o casal se mudou quando Simon tinha cinco anos, Anna Khoury viria a fundar a rádio Imprensa e, não satisfeita, a introduzir a freqüência modulada no Brasil.

### Um piano ao cair da tarde

Com o slogan "o mínimo de palavras e o máximo de prazer para os seus ouvidos", a Eldorado FM nasceu na contramão das campeãs



Simon Khoury com Mario Lago, no primeiro *talk-show* que se tem notícia

de audiência da época. Enquanto as popularescas Nacional e Mayrink Veiga emplacavam apenas uma música a cada zilhões de anúncios, a sofisticada emissora de Anna era parcimoniosa na propaganda — cuja trilha era assinada por ninguém menos que o maestro Radamés Gnatalli — e pródiga na escalação musical. O famigerado "jabá" (pedágio que as rádios cobram para executar um fonograma), então, nem pensar. Com programas como Um piano ao cair da tarde e Pelas esquinas da Broadway — que apresentava trilhas de cinema e teatro —, a Eldorado logo alcançaria o segundo lugar entre as mais ouvidas.

"Havia um público ávido de um serviço radiofônico com esse perfil. É importante lembrar que minha mãe procurou Roberto Marinho (O Globo), Assis Chateaubriand (Diários Associados) e Nascimento Brito (JB) para propor sociedade no empreendimento pioneiro. Nenhum deles quis. A primeira rádio FM da América Latina foi lançada por uma mulher!" — orgulha-se o filho coruja, que pegou no batente aos 17 anos cronometrando discos nos revolucionários

estúdios de sua mãe. Que, de quebra, ainda o obrigou a estudar piano, ele que sonhava com o trombone de vara.

Como patroa, porém, Anna cortava as asas do rapaz. Pagamento era um artigo de última necessidade. Dinheiro, pra que dinheiro, se ele tinha tudo em casa? "Recebia tão pouco que, na primeira oportunidade, fui para a rádio JB," ri o idealizador do requintado Noturno, programa que marcou época na emissora na década de 70. "Todas as quartas-feiras, eu fazia entrevistas com grandes nomes — como Tom Jobim, Pixinguinha, Elis Regina, Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Cartola, Nelson Cavaquinho —, entre uma infinidade de outros, intercaladas por suas músicas", recorda ele, enquanto mostra uma raridade: a gravação em um dos programas de Fernanda Montenegro cantando a polca "Flor Amorosa" (de Catulo da Paixão Cearense), acompanhada pelo violão de Rosinha de Valença.

### Retrato do artista em sua casa

Essas entrevistas eram reproduzidas na íntegra nas páginas do Jornal do Brasil. "Mas fui percebendo que se eu visse o modo como olham para o filho, para a empregada, a maneira de tomar café, suas coleções, seus objetos, conseguiria compor melhor a personalidade dos artistas. Assim, tão logo acabava a conversa na rádio, eu já marcava outra, mas na casa deles. Com isso, fiquei conhecendo, por exemplo, a inusitada criação de Eu não existo sem você, canção de Tom Jobim. Casado com Tereza Hermany, Tom chegou uma noite em casa de porre, quando ela já dormia. Foi para a cozinha, pegou manteiga, ovos e iniciou um processo de fritura em fogo brando. De repente, o barulhinho do espocar da gordura (Simon simula os acordes) sugeriu a introdução da música," revela.

O maestro, a propósito, chegou a sapecar-lhe um beijo quando o ouvido privilegiado do jornalista capturou acordes incorretos durante uma entrevista. "Propus a ele tocar uma música chamada Monjave. Tom ficou surpreso e elogiou a sugestão, dizendo que nunca ninguém havia lhe pedido para tocá-la. Percebi algo diferente e corrigi as notas erradas. Ele, agradecido, me beijou. Mas não tenho o dom para fazer música, apenas o de ouvir", reduz. Só que tem gente que parece não concordar. E gente acima de qualquer suspeita. Como Hermeto Pascoal, Sivuca, Altamiro Carrilho, Sebastião Tapajós e Gilson Peranzetta, que gravaram composições instrumentais da lavra de Simon. Precisa dizer mais? E as atividades na área por excelência de Jobim não param por aí. Foi produtor musical e diretor de 36 shows do Projeto Pixinguinha e da Série Instrumental, com Antonio Adolfo, Jacques Morelembaum, Sivuca, Sebastião Tapajós, entre outros. Produziu, ainda, discos de Vinícius de Moraes, Johnny Alf, Carmem Costa e Galo Preto.

**Com pedrinhas para lá de preciosas, Simon Khoury construiu um acervo que está na casa hoje de 600 entrevistas, com as maiores personalidades da música (ainda inéditas em livro) e do teatro**

### Upa, neguinho!

Com pedrinhas para lá de preciosas, Simon Khoury construiu um acervo que está na casa hoje de 600 entrevistas, com as maiores per-

sonalidades da música (ainda inéditas em livro) e do teatro. Parte desse incalculável patrimônio começou a circular em livros a partir de 1983, com a seleção das 14 entrevistas que compõem os dois volumes de Atrás da Máscara, editados pela Civilização Brasileira. Até o momento, foram publicados 18 livros, sendo os 10 últimos sob o título de Bastidores – Série Teatro Brasileiro. Este, por sinal, é um território onde Simon pisou com propriedade também como ator, tendo estudado com a grande Dulcina de Moraes. Atuou em 12 peças, recebendo boas críticas a sua interpretação, ao lado de Fernanda Montenegro, Tônia Carrero, Madame Morineau e Paulo Autran, este um de seus maiores amigos até o fim da vida – e com quem contracenou em Dr. Knock –, como o também ator falecido Carlos Kroeber. "Nunca houve um momento de silêncio na nossa amizade. Conversávamos noite adentro e foi Paulo – que me chamava de Neguinho e cujo passatempo preferido era jogar uma prosaica batalha-naval - quem me apresentou à arte de nomes como Chico Buarque e Elizeth Cardoso. Kroeber – que por sua vez me deu o apelido de Turquinho e me definiu como astuto, bom caráter e... fofoqueiro! –, a obra de Vivaldi. Foi no relacionamento com essas pessoas que erigi parte da minha cultura.

Nem o cinema escapou às investidas simonianas. Ele chegou a fazer par romântico com uma das mais importantes atrizes brasileiras, Glauce Rocha, no filme O Dia Marcado, com roteiro seu e direção de Iberê Cavalcanti, de 1971, que acabou interditado pela censura. "Era uma denúncia em relação a pessoas que estavam vendendo as riquezas da igreja de Goiás Velho – cidade muito povoada na época do ouro – para estrangeiros a preço de banana, como as obras lindíssimas de Veiga Vale, um escultor contemporâneo de Aleijadinho," descreve. Mas, com carreira tão promissora pela frente, tendo até conhecido os inebriantes aplausos em cena aberta –, por que parou, parou por quê? "Eu era muito crítico e o medo de errar foi superior à vontade de estar no palco. Ficava em pânico antes de entrar", explica Simon, que comandou o primeiro *talk-show* no Brasil, em 1973, conversando com Mário Lago no Teatro Galeria.

### Pela luz dos olhos teus

Nessa extensa quilometragem rodada, se tivesse que destacar uma única entrevista, qual seria? "Rubens Corrêa – diz sem pestanejar. Ele suava, estava macilento, eu não sabia de sua doença. Disse que minhas perguntas vinham impregnadas de fel, mas produziam respostas com gosto de mel. Que eu provocava as pessoas para que elas sobressaíssem. E me pediu para que fizesse uma pergunta derrapante. Falei: 'Depois de perder todos os medos, de avião, de estréias, do escuro, do seu pai, se precisasse fazer uma transfusão de sangue, teria medo de contrair o vírus da AIDS?' E ele devolveu de imediato: 'Desde o começo, queria que você me perguntasse isso!' Assustado, quis saber como ele, com tanto conhecimento, tinha se deixado contaminar. Aí veio o desabafo: 'Eu sou Rubens Alves Corrêa. O Alves sacrificou tudo para o Rubens Corrêa brilhar, sempre sozinho, sem que ninguém se preocupasse com ele. E quando o velho Alves pode dar prazer a uma pessoa mais jovem, vale qualquer sacrifício. Até a morte' – relembra emocionado Simon. Para o calejado jornalista, é justamente ela, a solidão, o traço em comum entre os grandes artistas. "Voltaire dizia que se conhece um homem mais por suas perguntas que pelas respostas. Por este raciocínio, é possível saber muito de mim lendo os meus livros," conclui Simon, que finaliza um trabalho sobre a vida de Marlene. A organização e conservação de todo esse universo de entrevistas (e discos raros) conta

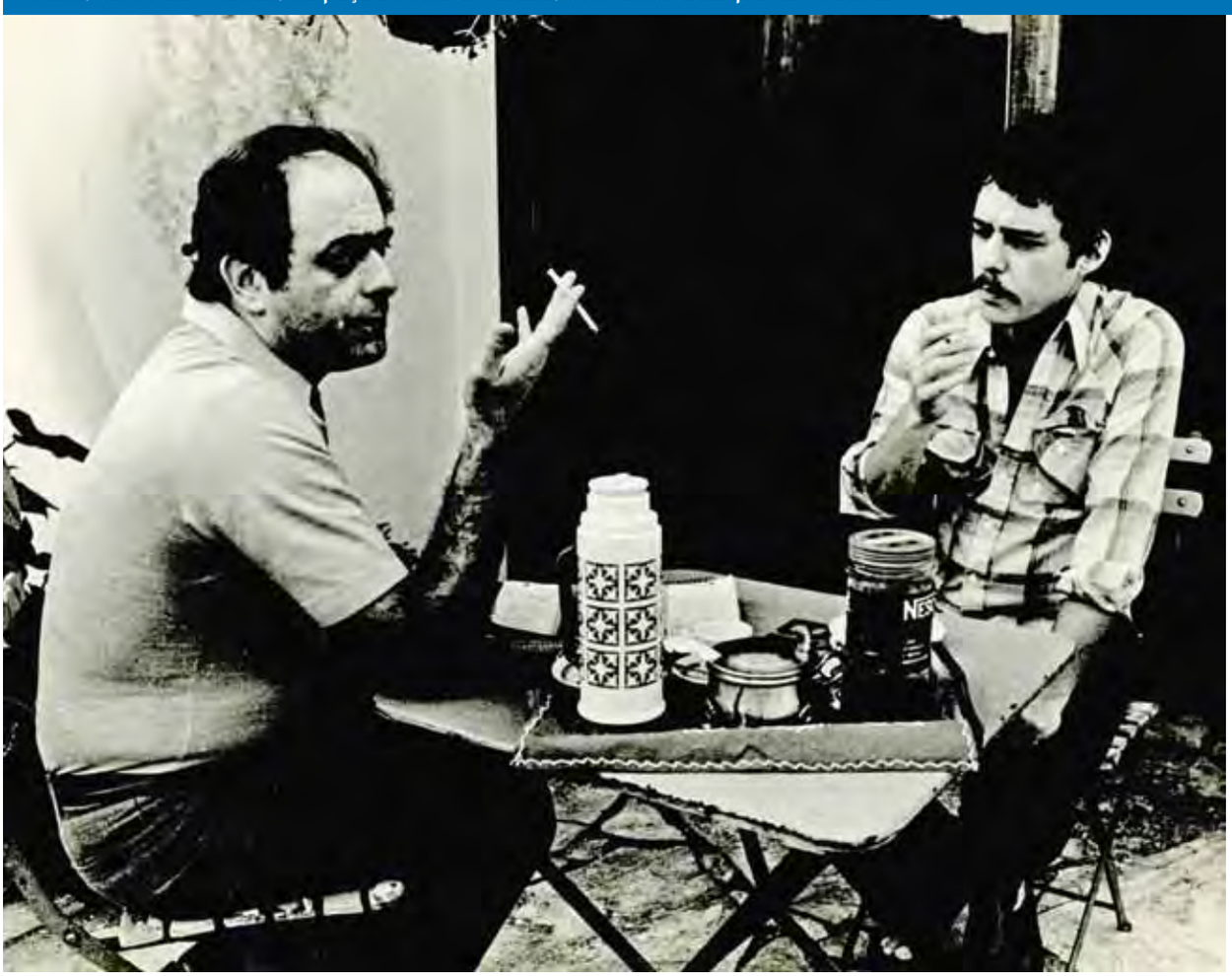
"Não tenho o dom para fazer música, apenas o de ouvir", diz Khoury. Só que tem gente que parece não concordar. Como Hermeto Pascoal, que gravou um choro composto por Simon

com a dedicação da sobrinha Ana Elisa Yasmin Correia de Araujo Aquino, filha de sua irmã Eunice, ex-bailarina do Theatro Municipal, e do rei da pesca submarina e escultor Pedro Correia de Araujo autor de obras residentes no Palácio da Alvorada, em Brasília, e do indiozinho com flecha fincado na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, além de hoteleiro famoso em Ouro Preto e conhecidíssimo personagem carioca dos 1960 aos 1980. E de Sergio Aquino, seu marido.

**Simon foi aluno de Dulcina de Moraes e atuou em 12 peças ao lado de Fernanda Montenegro, Tonia Carrero, Madame Morineau, Carlos Kroeber e Paulo Autran, seu grande amigo até o fim da vida**

Em março, vai ao ar um programa com Simon Khoury dentro de uma série com jornalistas importantes no Canal Brasil. À pergunta sobre a principal diferença do jornalismo de antanho e o praticado hoje, a resposta será: "Nenhuma, só melhoraram as fotos, que estão mais nítidas, porque os erros continuam os mesmos. Por que não publicar notícia boa?", propõe. Que tal: "Simon Khoury (finalmente!) lança em livros entrevistas com os grandes músicos brasileiros"? Cartas para Yaiune, como o velho Michel chamava o primogênito e que em linguagem das arábias significa "a luz dos meus olhos". Assalamu aleikum, Turquinho, tua vida é mesmo um palco iluminado.

Acima, com Paulo Autran, na peça *Dr. Knock*. Abaixo, com Chico Buarque de Hollanda



# O bordado por trás da fama

por Mônica Sinelli

**Ela nasceu nas glebas herdadas por Araribóia. Mas é uma legítima quatrocentona carioca. Anjo na terra de uma constelação de artistas brasileiros, Gilda de Queirós Mattoso, é uma relações-públicas inesquecível. Administra a doce encrenca que é assessorar mundo afora corações e mentes dos maiores talentos da música popular. Conta, Gilda!**

Fotos P&B: Arquivo Pessoal

Com Roberto Carlos no Canecão em 1982

"A família de meu pai, Paulo de Queirós Mattoso, veio de Portugal aparentemente na frota de Estácio de Sá que desembarcou no Rio de Janeiro, fundando a nova cidade junto ao Morro do Pão de Açúcar. Quando o Rio fez 400 anos, recebemos um certificado de descendentes dos fundadores da cidade. Na biografia de nosso ascendente direto Euzébio de Queirós Coutinho Mattoso Câmara, o senador Euzébio de Queirós — que foi conselheiro da princesa Izabel e escreveu a lei abolindo o tráfico de escravos —, descobrimos que ele nasceu em Angola. Vimos, então, que parte da família integrante da comitiva havia voltado para Portugal, de onde rumou para Angola e de lá veio para o Brasil. Se fôssemos paulistas, diria que nossa família é 'quatroceintona', brinca Gilda, caprichando no sotaque da terra da garoa, em seu apartamento no carioquíssimo bairro do Humaitá.

*Araribóia era um índio temiminó – que viveu no século XVI. Extremamente fiel aos portugueses, recebeu o nome de Martim Alves de Souza. Foi com o apoio dos guerreiros chefiados por ele que portugueses como Estácio de Sá e Mem de Sá conseguiram vencer os franceses no Rio de Janeiro, que haviam invadido a Baía de Guanabara. Por ter sido um grande colaborador dos colonos, Araribóia recebeu o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo e ganhou terras em Niterói, no Estado do Rio.*

Gilda, assim batizada por influência de Gilda, o filme com Rita Hayworth e Glenn Ford, sucesso estrondoso no mundo inteiro, cresceu em Niterói ouvindo a mãe cantar enquanto dava conta das tarefas domésticas. Liddy Kerr Pinheiro de Queirós Mattoso tinha voz bonita e adorava Pixinguinha, Noel Rosa e canções napolitanas, o que grudava no ouvido da criança. Com quatro, cinco anos, Gilda era uma atração nas festas, interpretando "Página de dor" (Pixinguinha-Cândido das Neves).

**Gilda, depois da morte de Vinícius nos 1980, fez dupla inusitada com o crítico Ricardo Cravo Albin: ela recitava poemas e testemunhava sobre a vida do poeta, enquanto Ricardo conduzia os espetáculos, dados em centros culturais de Niterói, Petrópolis e Teresópolis**

Dá para imaginar a pungente cena? "Eram músicas com umas letras que eu nem tinha idéia do que estavam dizendo. Como "Rosa" (Pixinguinha e Otávio de Souza). Eu sabia aquela letra inteira — 'tu és, divina e graciosa, estátua majestosa do amorrrrrrrrr' — e todo mundo ficava espantadíssimo, porque não fazia parte de um repertório infantil. Cantava também 'na Pavuna, pum, pum, pum, na Pavuna, pum, pum, pum, tem um samba que só dá gente reiúna,' ri Gilda, imitando sua performance para a música de Sinhô. "E havia também as coisas de um primo de meu pai, Francisco Mattoso, como "Sonhei que tu estavas tão linda", em parceria com Lamartine Babo. Como sou filha temporã, o repertório familiar incluía preferências de todas as idades. Meu pai e meu irmão mais velho gostavam de ópera e música erudita. Outro irmão era todo jazz, sofisticado. Um outro ia de bolero. Era um ambiente muito variado", detalha.

Sobre o município que é alvo de eternas brincadeiras por parte dos cariocas, Gilda é categórica. "Sempre adorei Niterói, como ainda adoro. Não fosse o problema de trânsito, eu moraria lá e continuaria trabalhando aqui, em Ipanema. Mantive muito as minhas relações com a cidade, onde tenho grandes amigos até hoje. Ficava muita irritada

Gilda e Vinícius, em Nova York, em 1978

quando era pequena e perguntavam: 'sabe qual a melhor vista de Niterói? O Rio de Janeiro'. Depois que amadureci e isso passou a não me incomodar mais, comecei a sentir pena dos cariocas que nunca viram o Rio da perspectiva de Niterói, o que é uma coisa deslumbrante, porque se vêem a Pedra da Gávea, o Morro Dois irmãos, o Sumaré, o Corcovado, o Pão de Açúcar. Tem-se uma panorâmica da cidade impressionante".

### FROM NICTY TO THE WORLD

Gilda costuma dizer que saiu de Niterói para o mundo. Em 1973, cursava o segundo ano de Letras na Universidade Federal Fluminense (UFF), já fluente em inglês e arranhando o espanhol, quando foi morar na Inglaterra com dois irmãos. Lá, deu expediente numa chiquérrima loja de presentes e papelaria de luxo, a Smythson's of Bond Street. Atendia Ava Gardner, princesa Margareth, rainha Sofia da Espanha, Fred Astaire, Frank Sinatra e Greta Garbo como se nada demais estivesse acontecendo. Essa proximidade desde cedo com os famosos vacinou Gilda contra possíveis deslumbramentos frente às personalidades. Ao resolver estudar italiano na Universidade de Perúgia, logo, ela começaria a trabalhar com grande parte das estrelas vindas do Brasil, levadas pelo empresário italiano Franco Fontana, que fazia produções de shows na Europa com artistas de várias nacionalidades.

"Com ele, conheci muitos de meus ídolos — Chico Buarque, Gal Costa, Tom Jobim, Caetano Veloso, Maria Bethânia, entre outros — e reencontrei o maior de todos, Vinicius de Moraes. Depois da temporada italiana, fui morar em Paris, porque queria aprender a língua francesa e continuava a trabalhar com Fontana nas temporadas locais de artistas brasileiros".

E foi na Cidade-Luz que acendeu o romance da produtora com o poeta da paixão. Voltaram casados para o Rio. Mas, como D. Liddy receberia a notícia de que a filha, então no esplendor dos 20 anos, juntaria sua escova de dente à do sessentão com fama de viver la vida loca? "Minha mãe era muito conservadora, foi educada em colégio de freiras alemãs. Tinha o sonho de que eu, morando na Europa, iria me casar com um príncipe inglês. E volto casada com Vinícius. Não era bem o que ela estava fantasiando, né?", ri da travessura. Mas, por ironia do destino, foi D. Liddy a primeira pessoa que colocou a filha em contato com seu futuro príncipe, brasileiro da gema, Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes. Como, além de música, gostava muito de poesia, dava muitos livros de presente para Gilda, inclusive o de Sonetos do ex-engravatado membro do Itamaraty. "A culpa foi dela. Virei tiete a partir deste primeiro livro e depois fui comprando tudo. Na época, ele não era um artista popular como ficou depois com Toquinho. Quando, eventualmente, aparecia na televisão, eu falava: 'que homem maravilhoso, quero me casar com ele!' E minha mãe dizia: 'Vira essa boca pra lá, menina, esse homem é um beberrão, destruidor de lares'. Ela ficava boba com a facilidade com que ele se casava e descasava, achava naquela época separação uma coisa absurda. Foi realmente um choque. Ela podia esperar tudo, menos isso. Mas quando o conheceu, tomou-se de amores. Eu dei a ficha completa para ele, que a presenteou com uma antologia acompanhada de uma dedicatória super-carinhosa. Ela mostrava aquilo a todo mundo, não na minha frente, mas

Moraes Moreira, Marina, Chico Buarque, Alceu Valença, Milton Nascimento, Mazola, Ney Matogrosso e As Frenéticas. Disco de Ouro por "A arca de Noé" 1980

eu sabia porque as pessoas me contavam que ela fazia isso, toda orgulhosa. Mais tarde, com a diabetes dele, mamãe, que fazia doce muito bem, começou a experimentar receitas com adoçante para agradá-lo". Nada como os encantos de um poeta diplomata, que dedicou à amada os versos musicados por Toquinho na valsa Gilda, sua última gravação:

*Nos abismos do infinito*
*Uma estrela apareceu,*
*E da terra ouviu-se um grito:*
*Gilda, Gilda.*
*Era eu maravilhado*
*Ante a sua aparição,*
*Que aos poucos fui levado*
*Nos véus de um bailado*
*Pela imensidão,*
*Aos caprichos de seu rastro*
*Como um pobre astro*
*Morto de paixão.*

*Gilda, Gilda,*
*Gilda e eu.*

*E depois nós dois unidos*
*Como Eurídice e Orfeu,*
*Fomos sendo conduzidos,*
*Gilda e eu,*
*Pelas mágicas esferas*
*Que se perdem pelo céu*
*Em demanda de outras eras,*
*Velhas primaveras*
*Que o tempo esqueceu*
*Pelo espaço que nos leva*
*Pela imensa treva*
*Para as mãos de Deus.*

Gilda e Cazuza no Teatro Ipanema em 1987

Os dois moravam numa casa de vila no tranqüilo bairro da Gávea, que vivia cheia de gente. "Ele gostava muito de receber as pessoas, ficava na maior felicidade. Lembro de Chico Buarque, chegando com as filhas pequenas — a mais velha, Silvia, era afilhada de Vinícius. Tom Jobim e Ana, sua mulher. Wanda Sá, sua professora de violão. Toquinho vinha de São Paulo e se hospedava conosco. Ele adorava sair para comer. Íamos no Antônio´s, no Leblon, e no Concorde, um restaurante em Ipanema que não existe mais e onde tínhamos mesa cativa. E no Álvaro's, também no Leblon, para beliscar pastel".

Por ter convivido desde sempre com pessoas que, estas sim, fazem jus à categoria de celebridades, Gilda é avessa toda a vida ao inacreditável circo dos famosos sobre os quais nunca ninguém ouviu falar, com seus pretensos projetos artísticos, que entopem de desimportâncias as caixas de correio dos jornalistas. "No filme de Miguel Faria sobre Vinícius, Chico Buarque diz não saber se haveria um lugar para ele no mundo de hoje. Porque Vinícius era

Gilda e Sting no Copacabana Palace

a anticelebridade. Dirigia o próprio carro, na época um Passat, um carro bom, mas comum. Não tinha motorista, muito menos segurança. Atendia o telefone em casa se estivesse perto do aparelho, não ficava esperando a empregada. Não tinha assessor de imprensa pessoal — era o da gravadora. Da mesma forma, Tom Jobim, com uma obra gravada no mundo todo, o maior arrecadador de direitos de uma editora americana depois de Lennon e McCartney, levava uma vida modesta. Andava com roupa simples, carro velho, o luxo era ir almoçar e tomar chope com amigos na churrascaria Plataforma. Não saía de noite, não badalava, ninguém nunca viu como era a casa dele". No universo onde a privacidade é artigo em extinção, a assessora de encrenca precisa funcionar como nunca. "Felizmente, nunca trabalhei com artista que se expunha muito. Mas tem o jornalista que quer entrar de qualquer jeito. Aquele que vem com 'soube que vai haver o batizado do neto do Gilberto Gil e queria cobrir'. Eu respondo: sim, mas é só uma coisa para família e amigos, Gil não quer tornar isso público. É complicado".

### Encrencas, doces encrencas

De Elis Regina a Gilberto Gil, passando por Gal Costa, Djavan e Sting, foram inúmeros os artistas que receberam o auxílio luxuoso e carinhoso de Gilda Mattoso. Uma complexidade de ações que vão de uma longa negociação de 11 anos para uma apresentação de Tom Jobim em Israel — que acabou sendo o último show da vida do maestro — até ao fato prosaico de lembrar Caetano Veloso a

pentear o cabelo. Lembranças de uma vida inteira ao lado de gente tão extraordinária estão registradas no livro Assessora de encrenca, lançado por ela em 2006. O título foi inspirado na única filha, Marina, hoje com 18 anos, que quando criança misturou com propriedade as estações e cunhou a pertinente definição para o trabalho de sua mãe. Ponto pra menina!

Para a niteroiense que hoje é sócia de Marcus Vinicius dos Santos na Mattoso & Vinicius Produções Artísticas Ltda., empresa de assessoria de imprensa e relações públicas, vai a pergunta que não quer calar: qual, entre tantos artistas identificados com o Rio, seria o carioca por excelência? A resposta vem na lata: Zeca Pagodinho. "Trabalhei com Zeca durante um tempo. Mas ele não gosta de dar entrevista, não quer assessoria de imprensa: quer que a gente vá para a casa dele tomar cerveja. Eu dizia: 'Zeca, tenho que ir para o escritório'. E ele: 'não, fica aqui, Mattosinho, toma uma cerveja'. Eu ficava até constrangida de receber um dinheiro e não mostrar nada. Corria atrás de notícias para gerar notas em jornal, mas entrevista mesmo não rolava. No fim de semana, ele ainda queria que a gente fosse para o sítio em Xerém, onde é um anfitrião maravilhoso. Chegou-se à conclusão de que ele precisa muito mais de uma secretária, para levá-lo à casa de Arlindo Cruz, por exemplo," ilustrando um dos tópicos da agenda de Pagodinho. É isso aí, Gilda, deixa a vida te levar. Na mais fina companhia, como sempre.

Com Chico Buarque em 1981

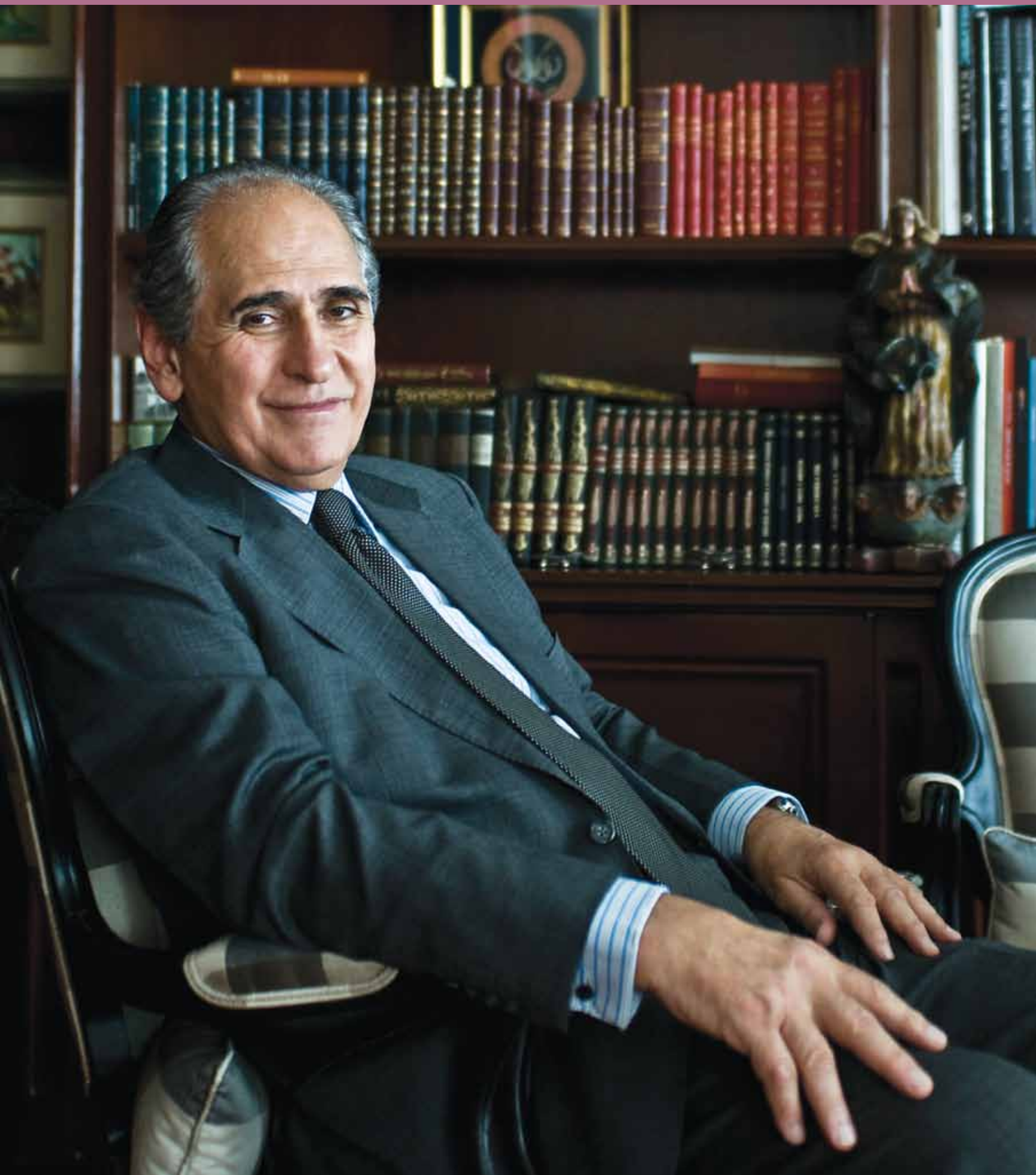
# O discreto charme da sedução

por Kelly Nascimento

**Paulo Fernando Marcondes Ferraz é a cara do *jet set* carioca. Campeão internacional de pólo, conversador emérito e colecionador de amizades faz lembrar a elegância de um Rio de outrora - não obstante continuar elegantérrimo com seus ternos bem cortados. Mas não se iluda, há um outro lado do disco em Paulo Marcondes Ferraz. Carioquice apresenta jóias raras do personagem. Só para dar uma palhinha, pense em um tocador de bongô, amigo de Sammy Khan, que ouviu em primeira mão a canção "My way', e abriu as portas da antiga União Soviética para os produtos brasileiros. Incrível, né! É o cara.**

O Rio é o lugar onde nasceu e onde "sempre quis morar".Mas o empresário Paulo Fernando Marcondes Ferraz já correu o mundo por três razões: pelo pólo, pelo comércio exterior e pelos amigos. "Tenho amigos no mundo inteiro", orgulha-se. A extinta Panair do Brasil — cuja licença foi cassada em fevereiro de 1965 — convidou-o para algumas dessas viagens. Membro do Conselho de Administração da companhia aérea, Paulo Fernando ostentou algumas vezes um passe prioritário que lhe garantiu assento nos vôos das dezenas de linhas em que a empresa operava. As rotas internacionais incluíam Europa e Oriente Médio. "Deu para passar alguns fins de semana em Paris com a família", diz, modesto. Claro que isso é quase nada para quem já passou um mês na Índia jogando pólo com o marajá de Jaipur!

Os tempos de se divertir girando mundo afora passaram. A onda de Paulo Fernando agora é tocar percussão. "Tocar com DJs me diverte muito. Tenho sido convidado para tocar em boates com alguns deles. Isso é moda no mundo inteiro", diz. A carreira de percussionista de Paulo Fernando Marcondes Ferraz não é de hoje. Ele se orgulha de já ter tocado com nomes como Ithamara Koorax e Sergio Mendes. "Uma vez eu estava na platéia de um show do Sergio Mendes, aí o percussionista dele, Laudir de Oliveira, me chamou para subir ao palco e tocar. Era um show para mais de mil pessoas, foi inesquecível. Tive a oportunidade de retribuir a gentileza. Estava fazendo um show no Teatro Municipal de Niterói com o Bossa Três com Luiz Carlos Vinhas ao piano, Tião Neto no baixo e Ronny Mesquita na bateria e como



Paulo Fernando Marcondes disputa uma tacada com o príncipe Charles

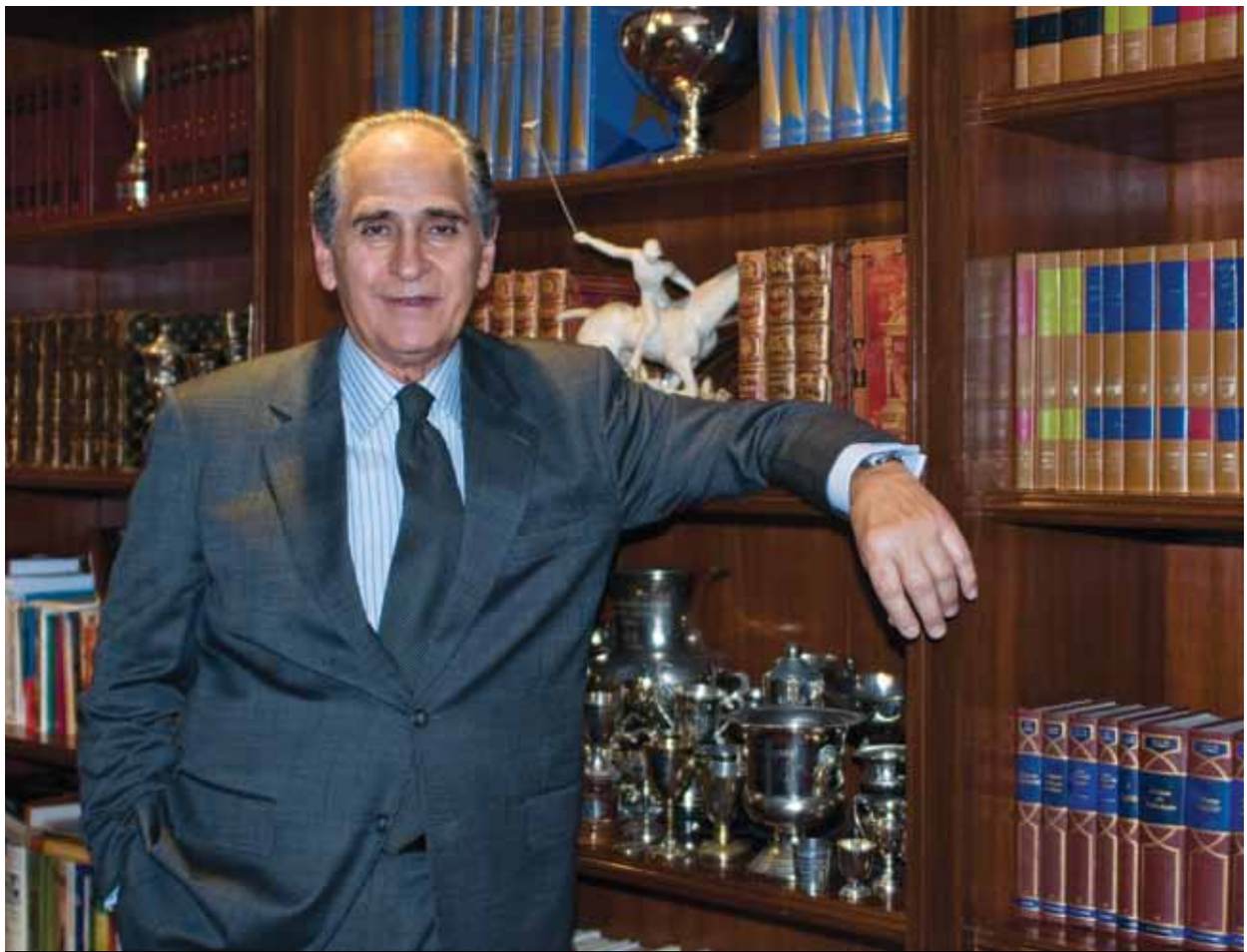
convidados Maurício Einhorn na harmônica e eu na percussão Aí Laudir estava na platéia e foi minha vez de convidá-lo para tocar comigo", relembra.

Marcondes Ferraz sempre foi bem relacionado. Em seu apartamento na Avenida Atlântica, um dos corredores é ocupado por uma galeria de fotos em que aparecem cenas como Paulo Fernando disputando um lance de pólo ao lado do Príncipe Charles, ele sendo recepcionado pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford; sentado no trono do marajá de Jaipur, na Índia, ou em sua festa de 60 anos, organizada pela viúva de Sammy Kahn. Muitas fotos de sua família e de suas ex-mulheres também.

As ex-mulheres, diz Paulo Fernando, são suas grandes paixões. Ele já foi casado com Silvia Amélia, hoje baronesa de Waldner –, Regina Doria, Laura Lima e Simone Stockler. "Os cinco amores de minha vida são: a música, as ex- mulheres, o pólo ,o trabalho em comércio exterior e o Rio com suas carioquices", suspira.

Pensando nas ex-esposas, Paulo Fernando se inspira para contar mais causos. "Com Regina freqüentamos muito a casa de Sinatra", recorda. Sim, o Sinatra a que Paulo Fernando se refere é o imortal Old Blue Eyes. "Conheci Sinatra através de Sammy Kahn, o compositor que mais colocou palavras na boca de Sinatra!". Dessa época, ele tem histórias deliciosas para contar. "Em 1966, estava em Las Vegas, a convite de Paul Anka. Aí ele me mostrou uma composição, que queria que Sinatra cantasse. Fomos ao hotel do outro lado da rua, onde Sinatra estava hospedado. Ele ficou fascinado e gravou a canção – "My way". Tive o privilégio de ter sido o primeiro a escutar essa música", orgulha-se.

Ainda na área cultural, outro motivo de orgulho



**"Com Regina, minha esposa à época, freqüentamos muito a casa de Sinatra. Conheci Old Blue Eyes através de Sammy Kahn, o compositor que mais colocou palavras na boca de Sinatra!"**

PANAIR DO BRASIL S.A.
PASSE ANUAL
VÁLIDO ATÉ 31 / 12 / 64
NOME Dr. Paulo Fernando de Marcondes Ferraz
MEMBRO DO CONSELHO ADMINISTRATIVO
PERCURSOS Domésticos e Internacionais
CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO 083
RESERVA Positiva
PESSOAL E INTRANSFERÍVEL

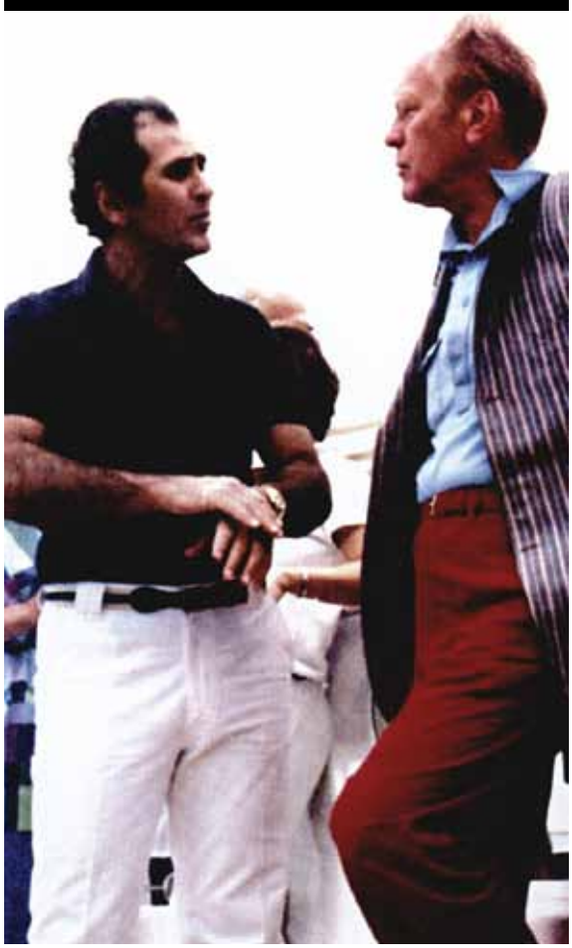
Passe livre da Panair do Brasil

de Paulo Fernando é ter sido, durante dez anos, presidente da Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional (Sabin), nas gestões de Affonso Romano de Sant´Anna e de Eduardo Portella."O convite inicial foi feito por Affonso e Portella me convidou para continuar no cargo na gestão dele. Fomos nós quem idealizamos o auditório da Biblioteca Nacional, com projeto arquitetônico de Stella de Orleans e Bragança. Publicamos uma série de livros também. O projeto da reforma do departamento de música

da Biblioteca só foi possível porque fui até o então ministro das Comunicações, Sergio Motta, e negociei US$ 1 milhão em verba para a Biblioteca Nacional. O departamento, todo ele refeito, hoje conta com uma belíssima área de consulta e dispõe de verdadeiras relíquias musicais", conta. Agora Paulo está entusiasmado em reunir sua incontável roda de amigos importantes no sentido de captar fundos para amparar o ICCA. "O Instituto merece, porque tudo ali é de qualidade, a partir da doação de bens do seu criador", diz animado.

Passemos então a outra paixão de Paulo Fernando, o comércio exterior. Nessa área, orgulha-se de ter sido um dos pioneiros na abertura do comércio entre brasileiros e soviéticos. "Fui uma das primeiras pessoas a abrir negócios com a então União Soviética. O embaixador do Brasil em Moscou, Celso Souza e Silva, chamou-me para melhorar o comércio entre Brasil e União Soviética. Acabei me tornando uma espécie de go between entre os governos soviético e brasileiro. O grupo de trabalho do qual fazia parte resultou na ida do então ministro Delfim Netto a Moscou. Durante 16 anos trabalhei como empresário com países do Leste Europeu".

Marcondes de bate-papo com o ex-presidente dos EUA, Gerald Ford



A cidade do Rio de Janeiro, um dos seus cinco amores, tem um lugar especial em suas memórias. "Tenho uma relação muito especial com o Rio. Sou carioca de corpo e alma. Meu bisavô veio de Pindamonhangaba (SP). Meu avô, Mariano Marcondes Ferraz, foi um dos fundadores do Iate Clube e do Fluminense". Em suas andanças mundo afora, ele diz nunca ter pensado em trocar o Rio por outra cidade. "É um privilégio morar aqui".

Para falar da cidade maravilhosa, a memória de Paulo Fernando vai longe ."Nos anos 50 e 60 o Rio era um sonho. Era não só a capital do Brasil mas a cidade mais linda do país também. Havia grandes festas nas embaixadas, a cidade era uma das mais elegantes do mundo e também um dos lugares mais disputados pelos embaixadores estrangeiros", conta.

Entre os pontos de beleza e glamour daquela época, Paulo Fernando destaca o Copacabana Palace. "Copacabana era o lugar e, no Copacabana Palace, havia uma boate lindíssima - a Meia Noite. A pérgola do Copa também era um lugar belíssimo. A noite era diferente do que é hoje. As boates eram só para adultos. A primeira boate da cidade foi a Vogue, bem no estilo clássico do El Morocco, de Nova York. Quando a Vogue pegou fogo em 1954, passamos a freqüentar o Sacha, no Leme. Lá fui muitas vexes com minha primeira mulher, Sílvia Amélia. Tenho mais de cinco décadas de Copacabana!!" Assim é o mundo de Paulo Fernando., um dos últimos "cavalheiros elegantes" do Rio, ou seja, se quiserem, o Beau Brummel.

# VOCÊ MONTA A SUA PROGRAMAÇÃO PARA ASSISTIR NA HORA QUE QUISER.

TALENT

Consulte as condições de aquisição do produto e ofertas no site www.net.tv.br ou ligando para 4004-8844. Verifique disponibilidade técnica para instalação em seu endereço.

## NET DIGITAL HD MAX. O ÚNICO QUE TRANSMITE E GRAVA EM ALTA DEFINIÇÃO.

FILMES, SERIADOS, ESPORTES E MUITO MAIS EM SUAS MÃOS.

Assine já:

**4004-8844** www.net.tv.br

(custo de ligação local + impostos)

# Pelos palcos da vida

POR MONICA RAMALHO

**Alcione Araújo nunca será mulher, mas diz saber muito bem o que vai na alma de Madame Bovary. Dom de dramaturgo, aquele que consegue expressar o sentimento profundo de qualquer gênero e período da humanidade. Mas não precisamos ir longe com esse papo cabeça. Ele é capaz de prosear horas a fio acerca de quase tudo debaixo do céu: de literatura ao teatro; de questões existenciais àquelas em voga no mundo contemporâneo. Como suas entrevistas são raras, essa conversa vale ouro. Consuma sem moderação.**

O novo romance do dramaturgo, 'Pássaros de vôo curto' (Record), traz uma galeria de personagens cujos enredos se emaranham de modo surpreendente, no tempo, na dor e no espaço. A narrativa cobre um século: de 1884, com a chegada do engenheiro inglês George Chalmers em Minas Gerais, até 1984, quando o 14 Bis da cantora de ópera Diva come poeira nas cidadezinhas desse país imenso. O livro aterrissa nas prateleiras dez anos após 'Nem mesmo todo o oceano', o romance de estréia de um dramaturgo com muitas horas de vôo no brevê. Alcione não exibe nas prateleiras do escritório nenhum dos tantos prêmios amealhados com suas histórias. Simples, acredita que ganhar prêmios não muda nada. "O que muda é entender o Brasil, o povo brasileiro. Não tenho interesse na imprensa, nem na crítica. Os artistas mudam com o tempo e o que fica, na verdade, é a obra", sentencia.

Mineiro de Januária, onde nasceu em novembro de 1950, Alcione fixou residência no Rio de Janeiro há exatas três décadas. "Na minha infância, era tradição das famílias mineiras alugar apartamento em Copacabana e passar as férias aqui. O Rio era o paraíso nos trópicos, com praias, vida artística e uma alegria únicas. Já adolescente, eu voltava sempre para ver teatro. Éramos uns oito garotos no grupo com o objetivo de assistir a seis espetáculos de quinta a domingo". De manhã, um bom mergulho caía bem para dourar a pele da garotada, que respirava dramaturgia à tarde e à noite. "Entre uma coisa e outra, comíamos muita pizza com

Escrever é o que Alcione Araújo mais faz nesta vida, além de dar palestras pelo Brasil. Em 1979, se dividia entre as aulas nas escolas de teatro da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio) e Martins Pena. Foi um dos fundadores da Casa de Artes Laranjeiras (CAL). Em 1981, escreveu e dirigiu a peça 'Doce deleite', estrelada por Marília Pêra e Marco Nanini e remontada em 2008 com Marília na direção

ketchup", diverte-se. Na época, Alcione regulava em idade com o gringo sardento Ralph Conway, personagem do novo romance.

Ralph Conway é um jovem pianista americano em turnê na América Latina. Ele substitui o incensado Art Tatum no Billy Byas Jazz Quartet, feito glorioso para um jovem de 19 anos, ruivo e deslocado entre os companheiros negros, para quem, até aquela idade, só existiam a família, a igreja e a música. Entre o autor e o musicista salta, ao menos, uma semelhança biográfica: ambos se apaixonaram pelo Rio de Janeiro à primeira vista. Uma das passagens arrebatadoras do livro narra justamente o deslumbramento do músico diante dos contornos sensuais da Baía de Guanabara. Diz certo trecho: "Como a mulher que abre a janela para ser acariciada pelo sol da manhã, a cidade finalmente se desvela (...).

Alcione nasceu numa família teatral e herdou o gosto por cenas, figurinos e bastidores. "Foi uma aproximação natural, embora poucos espetáculos chegassem a Belo Horizonte". Aos 23 anos, escreveu a primeira peça: 'Vagas para moças de fino trato'. Ficou em cartaz por dez meses em 1973 e o sucesso foi tamanho que rendeu uma matéria grande numa revista de circulação nacional. Atrizes de diferentes escolas ficaram de olho no texto e procuraram o autor. Alcione veio ao Rio e se associou ao trio Glória Menezes, Yoná Magalhães e Renata Sorrah, que, na ocasião, só havia participado de uma única montagem. Com direção de Amir Haddad, a peça caiu no gosto de público e crítica, escancarando as cortinas do Rio e de São Paulo às idéias do jovem mineiro.

"A cultura abre novas possibilidades de você descobrir o outro e quando você descobre o outro, há uma grande chance de descobrir a si próprio", retoma o ponto inicial da entrevista. Alcione cita um paradoxo de Jean Cocteau ('A arte é indispensável; se ao menos soubéssemos para quê') e diz que não se preocupa sobre a utilidade dela - discussão antiga dos círculos intelectuais. Ele prefere traduzir o filosofês para o leitor comum. "Já escrevi 800 páginas, mas sou muito lento, incompatível com a velocidade de hoje. Acho que o e-mail tem de ser veloz, eu não". Alcione voa e faz voar com seus ensaios publicados em coletâneas, entre eles 'O roubo do tempo' e 'A esquizofrenia entre educação e cultura'. Ele já pensa organizar um livro com este material, reescrevendo alguns e elaborando temas novíssimos, como 'A resignificação da família'.

Escrever é o que Alcione Araújo mais faz nesta vida, além de dar palestras pelo Brasil. Em 1979, se dividia entre as aulas nas escolas de teatro da Universidade do Rio de Janeiro (UniRio) e Martins Pena. Foi um dos fundadores da Casa de Artes Laranjeiras (CAL). Em 1981, escreveu e dirigiu a peça 'Doce deleite', estrelada por Marília Pêra e Marco Nanini e remontada em 2008 com Marília na direção. Foram quatro anos ininterruptos de aplausos. "Fiz outras peças e comecei a trabalhar com cinema. Entre os filmes, 'Jorge, um brasileiro' e 'Policarpo Quaresma', de Paulo Thiago, e 'Pátria amada', de Tikuza Yamasaki. Gosto muito do roteiro de 'Nunca fomos tão felizes', o filme de estréia de Murilo Salles na direção". Com este longa-metragem, Alcione ganhou dois prêmios de melhor roteiro em 1984: um Troféu Candango no Festival de Brasília e um Kikito no Festival de Gramado.

No mesmo ano, dirigiu Francisco Milani e grande elenco em 'Muitos anos de vida', também de sua autoria. Resultado: levou para casa o Prêmio Molière de melhor autor da temporada carioca. Continuou gastando as tintas. Entre julho de 1995 e janeiro de 1996 escreveu com a amiga Regina Braga a novela 'A idade da

**Marco Nanini e Bia Nunes em Doce Deleite, com direção de Marília Pera, Hamilton Vaz, Alcione Araújo e Nanini.**

loba', exibida pela Bandeirantes. "Toda a minha produção para teatro foi publicada em 1999 em três volumes - 'Simulação do naufrágio, 'Visões do abismo' e 'Metamorfoses do pássaro' - com quatro textos em cada", enumera. De lá para cá, já produziu mais dois textos ainda inéditos: 'Deixa que eu te ame', um brado à carioquice do Real Astória, que vem canetando desde 2004; e 'O melhor é não fazer nada quando o sol brilha', escrito recentemente. Em 1988, Alcione deixou de ensinar teatro e pôde, enfim, trabalhar em seu primeiro romance: 'Nem mesmo todo o oceano', lançado em 1998 pela Record, um dos finalistas do Prêmio Jabuti daquele ano.

Em 2001, foi convidado a escrever crônicas no jornal Estado de Minas. "Eu não sabia fazer isso (risos), mas comecei revezando o espaço com o meu amigo Fernando Sabino. Hoje recebo cerca de 80 e-mails semanais comentando as crônicas". Já lançou dois livros reunindo os

> "As imobiliárias começaram a agir no Leblon há uns dez anos. E elas fizeram oferta para comprar o meu prédio. Todos concordaram em vender, só eu não. Mesmo que os mais pobres sejamos expulsos pela especulação imobiliária, dessa vez eu não saio não"

melhores textos: 'Urgente é a vida' (2004), com o qual ganhou o Prêmio Jabuti em 2005, e 'Escritos na água' (2006). Para o primeiro semestre de 2009 está prevista a terceira coletânea da série: 'Cala a boca e me beija', todos editados pela Record. "Não faço ficção na crônica e penso que ela tem um papel de, no meio do estardalhaço da política, sussurrar no ouvido do leitor. Gosto muito de extrair transcendência do banal". Alcione estava habituado com a repercussão imediata do teatro e demorada no caso do romance e do cinema. "A resposta da crônica, que a pessoa lê, elabora e escreve um e-mail para o autor por livre e espontânea vontade, é muito interessante", avalia.

Para o múltiplo Alcione Araújo, o melhor momento é o da criação. "Só vou em noite de autógrafos porque a minha presença é necessária, mas em pré-estréia de peça e de filme eu não vou, não". É o jeitão mineiro dele, um interlocutor atencioso, falante até, mas que nunca teve celular e confia na secretária eletrônica a tarefa de atender seu aparelho fixo. Pai da doutora em filosofia Carolina, 30 anos, e avô de Flora, oito, e Joaquim, um aninho, Alcione Araújo é daqueles que não se contentam só com elogios e gostam da opinião pensada. "A obra de arte existe para provocar esse impacto nas pessoas. Acredito que a obra de arte se conclua no leitor. A história inteira desse novo romance você só vai perceber na última página porque quero que você seja co-autor", disse, sorrindo e piscando o olho esquerdo bem devagar.

### Ipanema, Leblon e a especulação imobiliária

"Tenho uma visão engraçada sobre a especulação imobiliária do Rio de Janeiro. Em 1978, fui morar em Ipanema, um bairro charmoso, de artistas. Logo os preços aumentaram abusivamente, expulsando os artistas, que correram para o Leblon. Mudei no ano seguinte para a Rua José Linhares. Aqui era um lugar de classe média, com prédios antigos e aluguéis mais modestos. Em 1984, vim para este apartamento na Rua Aristides Espínola, onde estou até hoje. Faço tudo a pé. Almoço,janto pelas quadras próximas, sou freguês de banca de jornal, padaria e farmácia certas e conheço os porteiros da vizinhança. Observo eles pendurando nas árvores as gaiolas de seus passarinhos que cantam bonito e atraem os passarinhos soltos.

As imobiliárias começaram a agir no Leblon há uns dez anos, depois de transformar São Conrado e Barra da Tijuca. Aqui já não tem mais posto de gasolina, por exemplo. E elas fizeram uma oferta para comprar o meu prédio. Os moradores todos queriam vender, mas eu não concordei porque gosto do meu apartamento. É calmo e silencioso e espaçoso como é fundamental para o meu trabalho. Faço parte da paisagem do Leblon, mas vejo que o bairro corre o risco de ser ocupado só por grã-finos. Porém, mesmo que os artistas sejam expulsos pela especulação imobiliária, dessa vez eu não saio".

# Breviário do bem-comer

por Julia Santhiago

Uma obra de ourivesaria pantagruélica, assim pode ser definido o livro "Paladar Carioca" (Mauad Editora), de autoria do médico Pedro Bijos, que traz suas lembranças gastronômicas da infância e juventude sobre os restaurantes da cidade. Nesse apetitoso *tour* gastronômico, ele lista afetuosamente estabelecimentos, nenhum com menos de trinta anos, que aliam fartura e bom preço. Estão lá o Bar Luiz, Sentaí, Filé de Ouro, Rio Minho, Polonesa, Lamas e muitos outros.

New Garden, Ipanema

Bar da Urca

A idéia de reunir só restaurantes tradicionais foi um critério fundamental para Bijos traçar uma relação entre eles e a história da cidade. "Paladar Carioca" prova que o Rio de Janeiro pode ser considerado a capital gastronômica brasileira: "O Rio de Janeiro é realmente uma cidade maravilhosa, com muito charme e restaurantes para todos os gostos e bolsos, não devendo nada aos nossos vizinhos paulistas", justifica o médico.

Nascido e criado no Grajaú, Bijos aprendeu ainda criança os prazeres da comida com ginga carioca. Ele conta que seu pai foi quem o influenciou e o ensinou a apreciar a boa e simples culinária. "Sempre que podia ele me levava para almoçar nos restaurantes do Centro para comer mocotó, ossobuco, dobradinha, rabada e outros

Alvaro's, Leblon

Degrau, Leblon

**Bijos dedica parte de sua obra àqueles que não resistiram ao tempo e fecharam suas portas deixando uma legião de saudosos cariocas**

Lamas, Flamengo

Tradicionais casas de repasto com sotaque carioca têm grande destaque na obra. Os eleitos por Bijos se encontram nos bairros de Botafogo, Centro, Copacabana, Flamengo, Glória, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Leblon, Leme, Santa Tereza, São Conrado, São Cristóvão e Urca

pratos". Todas comidas de sustância, que sairam dos lares e ganharam a mesa dos restaurantes. Hoje ele confessa que gosta de tudo, mas está mais seletivo à mesa. Os anos passados na França, quando foi se especializar em cirurgia da mão, fizeram com que ele passasse de *gourmand* a *gourmet*.

O livro é imprescindível para o leitor que valoriza os sabores que dão alma e vida à cidade do Rio de Janeiro, por isso Bijos dedica parte de sua obra àqueles que não resistiram ao tempo e fecharam suas portas deixando uma legião de saudosos cariocas. Estabelecimentos como o Le Bec Fin, Cantina Sorrento, Pomme D'Or, Le Mazot, Le Relais, Panelão, Monte Carlo, Nino, Grottamare, Arjamolho e Mistura Fina são alguns dos que trazem saudades e que contribuíram para a história da cidade. "Esses restaurantes tiveram grande importância para o Rio de Janeiro em alguma época, por isso, não poderia deixar de mencioná-los em um livro que trata do paladar carioca".

Tradicionais casas de repasto com sotaque carioca têm grande destaque na obra. Os eleitos por Bijos se encontram nos bairros de Botafogo, Centro, Copacabana, Flamengo, Glória, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Leblon, Leme, Santa Tereza, São Conrado, São Cristóvão e Urca. Ele pede desculpas por não citar os restaurantes das zonas Norte e Oeste: "Apesar de ter nascido no Grajaú, passei a minha vida adulta entre o Centro e a Zona Sul, da onde sou morador convicto e não atravesso o túnel para comer pelo fato de gostar de tradição. Só como nos originais, nada em filial pois sinto muita diferença. O Cervantes de Copacabana é o melhor, por exemplo, em serviço, charme e por seu *chef*. O Adegão de São Cristóvão também não tem comparação", explica o médico que não faz referência a nenhuma filial no livro.

Dessa extensa relação, ele diz que não tem um preferido, pois cada lugar tem as suas iguarias:

**O livro é sedutor para quem quer resgatar referências gastronômicas que desaparecem do Rio como velhos prédios amoráveis, sem dó nem piedade. E valoriza os sabores que dão alma e vida à cidade do Rio de Janeiro**

Sentaí, Saúde

Nova Capela, Centro

Dos que fazem parte diretamente de sua história de vida está o Sentaí. Bijos trabalhou alguns anos como microcirurgião no Hospital dos Servidores e, claro, como bom *gourmet*, descobriu as maravilhas servidas no Sentaí, vizinho do hospital, no bairro da Saúde

"Gosto de todos, cada um tem uma peculiaridade. Se quero miolo, por exemplo, vou ao Cervantes; arroz de polvo o melhor é o da Marisqueira. Sopa Leão Veloso, no Rio Minho; e costela de boi no Escondidinho. Cada um tem o seu toque" resume.

Dos que fazem parte diretamente de sua história de vida está o Sentaí. Bijos trabalhou alguns anos como microcirurgião no Hospital dos Servidores e, claro, como bom *gourmet*, descobriu as maravilhas servidas no Sentai, vizinho do hospital, no bairro da Saúde. E dá uma dica de especialista: "além das maravilhosas lagostas preparadas na casa, valem ser experimentados a moqueca e os doces portugueses". *Bon apetit*, doutor!

Sírio e Libanês, Centro

Real Astória, Botafogo

NEGÓCIOS & FINANÇAS

# RelatórioReservado

A NEWSLETTER MAIS INFLUENTE DO BRASIL

## TÃO VALIOSO QUE DEVERIA SER IMPRESSO EM PAPEL-MOEDA

ASSINE
**www.relatorioreservado.com.br**
atendimento@relatorioreservado.com.br
Tel: (21) 2509-5399 - ramal 238
Fax: (21) 2526-7041

EDITADO POR
Insight

# Com os pés fincados no céu

Asfalto fervente, chapa quente, olho virado, chumbo trocado, paralelepípedo cor de aníl, terra batida, chão de turmalina, areia molhada, depravada, ensolarada, piso de cimento, solo bento, pedras portuguesas, calçadas descalças, graxa, paetê, saliva, solas e saltos, início do caminhar, centro de gravidade, primeiro andar da cidade.

Praia de Copacabana

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

Av. Atlântica

Botafogo

Vila Isabel

Forte de Copacabana

Lagoa Rodrigo de Freitas

Praça XV

Lagoa Rodrigo de Freitas

# Maravilha é pouco!

**Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira**
**Presidente do Sistema FIRJAN**

Geraldo Viola/Firjan

O que gosto mais é da natureza e do modo de ser carioca. Das duas cidades mais bonitas do mundo, uma foi feita pelo homem, que é Paris, outra por Deus, que é o Rio.

Eu sempre morei no mesmo lugar. Nasci, fui criado e moro no Humaitá, grudado na floresta da Tijuca que bordeia a Rua São Clemente.

Lembro muito bem do Rio de Janeiro da década de 50. Da praia, que não era para surfar, era para pegar jacaré. Da brincadeira das crianças, que era catar Tatuí. E do arrastão do Posto Seis — naquela época era arrastão de peixe. A lembrança, que ainda hoje persiste, é a do cheiro do Rio, do aroma do mar.

A minha geração estava convencida de que o Brasil era o Rio. Tudo se passava no Rio. Nós éramos capital federal e achávamos, talvez erradamente, que o Rio era o centro de tudo. Centro da cultura, da criatividade, do poder político e econômico.

Quando eu falo de cultura quero dizer que era para aqui que vinham os artistas internacionais. Mas, uma característica do Rio é não ter muita paciência com *stars* — Brigitte Bardot veio para cá, namorou uns brasileiros e levou Búzios para o mundo. Um mês depois, ninguém queria saber mais dela. Dois dias é o quanto basta, senão vira arroz de festa e ninguém dá mais bola. Isso é o Rio.

O empresário Aloísio Ferreira de Salles, boêmio mineiro vindo há décadas para o Rio, era um exemplo da mentalidade carioca daquela época. Dizia que o importante numa festa não é conhecer o dono da casa ou os convidados, e sim conhecer os garçons. E aí a noite fica uma maravilha.

Quando você diz passa lá em casa, se a pessoa levar a sério, está liquidada. Nunca mais vão querer saber desse chato que tomou a sério um suposto convite. Não é para passar lá em casa. É uma forma de dizer eu tenho carinho por você. Não vai além disso. Isso só acontece no Rio.

Eu venho para a cidade quase todos os dias de bicicleta. E fico pensando, como seria um empresário ir de bicicleta para a Fiesp.

Domingo não há a menor possibilidade de eu não pedalar na orla que é um esplendor. A curva da Francisco Otaviano para a Atlântica com o sol nascendo nas montanhas de Niterói, subindo, de frente pra gente, é uma maravilha.

Conheço todos os continentes desse mundo, mas a coisa mais bonita que eu já vi é o nascer do sol do Corcovado. Na minha juventude, a gente saía de noite, meninos e meninas, num dia maravilhoso de verão, subíamos as escadarias e ficávamos aos pés do Cristo, defronte daquele escândalo de sol nascente. Isso é ser carioca. É um modo de ser diferente.

# ESSE LIXO É SEU?

Todos os dias, sem se dar conta, você produz aproximadamente 1,5k de lixo.
A cidade do Rio de Janeiro gera, sozinha, 7.500 toneladas a cada 24 horas.
Descartado incorretamente, o lixo entope bueiros, polui rios, mata animais e peixes, e cria focos de dengue.
Cuide bem do seu lixo. Ele sempre volta para você. Reciclado ou não.

Secretaria do Ambiente

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

oi
COLOCAR OUSADIA, LIBERDADE E MODERNIDADE À FRENTE DE TUDO É SIMPLES.
O SEGREDO É FAZER ISSO SEM TIRAR O CLIENTE DO PRIMEIRO LUGAR.
Uma empresa que sempre coloca os clientes em primeiro lugar consegue ser uma das empresas que mais crescem em todo o país.